



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS

ÓRGÃO BISSEMANAL DO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO
MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL
ANO 34 - Nº 663 - DE 1 A 15 DE MAIO DE 2022 - R\$ 4,00

Por um 1º de Maio classista e internacionalista

Abaixo a farsa do 1º de Maio eleitoreiro e festivo!

**Em defesa de um programa próprio dos explorados,
da organização independente e dos métodos da luta
de classes! Que o 1º de Maio classista e internacionalista
levante a bandeira de fim da guerra na Ucrânia!**

DOIS MESES DE GUERRA NA UCRÂNIA

**Estados Unidos alimentam a escalada militar
na Europa e prolongam a guerra na Ucrânia**

**Somente da classe operária organizada, unida e em luta
pode derrotar a ofensiva do imperialismo contra a Rússia
e conquistar a autodeterminação revolucionária da Ucrânia**

Pelo fim imediato da guerra!

**Toda força à campanha internacional do Comitê de Enlace
pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI)**

Estados Unidos promovem a escalada militar na Europa

O Congresso dos Estados Unidos havia aprovado US\$ 13,6 bilhões, destinados a alimentar a guerra na Ucrânia. Agora, Biden enviou o pedido de US\$ 33 bilhões. Esse enorme montante está de acordo com a posição do imperialismo norte-americano, de levar às últimas consequências o cerco da OTAN à Rússia, valendo-se, para isso, do povo ucraniano como bucha de canhão.

A avaliação do Pentágono é a de que chegou o momento de abastecer as Forças Armadas da Ucrânia com armas de última geração. O recuo das tropas russas das imediações de Kiev e sua concentração na região de Donbass indicariam uma fraqueza, o que permitiria ao governo de Zelenski passar da defensiva para a ofensiva.

Autoridades norte-americanas afirmam que estão dadas as condições para uma derrota da Rússia. Baseiam-se, não apenas no recuo tático da posição original de ocupar Kiev, mas também nas consequências das sanções econômicas e na contabilidade de perdas materiais e vidas de soldados. O afundamento do portentoso navio de guerra Moskva seria mais uma prova dos grandes reveses das forças militares russas.

Evidentemente, os Estados Unidos travam uma guerra de informação, para justificar sua escalada militar na Europa. O fundamental está em que a guerra se prolonga, a Ucrânia se acha em ruína, cresce o desalojamento de famílias, engrossa o caudal de refugiados, e as mortes continuam a ocorrer diariamente. E por quê? Porque o braço armado dos Estados Unidos no continente europeu, a Otan, avançou o cerco à Rússia; e o governo pró-União Europeia e a oligarquia ucranianos se colocaram como serviçais do imperialismo. A Rússia, por sua vez, não tem como conviver com as ex-repúblicas soviéticas, sem subordiná-las e sem violar o direito à autodeterminação. Essa contradição de fundo, que está na base da guerra, indica que os interesses que imperam no confronto militar são de ordem capitalista.

A guerra na Ucrânia, portanto, não expressa, de forma alguma, a luta da classe operária e dos demais explorados por sua emancipação do capitalismo putrefato. E, também, não expressa os interesses de uma nação oprimida diante do imperialismo. O lugar da Ucrânia no choque dos Estados Unidos e aliados com a Rússia é de uma nação oprimida. Por isso, serve de bucha de canhão para os interesses do imperialismo, e de escudo para os interesses da burocracia e da oligarquia burguesa russas, que, apoiadas na liquidação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), estão levando às últimas consequências a restauração capitalista. O que implica recrudescer a opressão nacional sobre as ex-repúblicas soviéticas, e usá-las como instrumentos de defesa nacional contra a ofensiva do imperialismo, que não pode conviver com uma Rússia independente.

Está mais do que claro que a guerra comercial armada pelos Estados Unidos, desde a crise mundial de 2008, potencializou as tendências bélicas, que, agora, comparecem no confronto com a Rússia restauracionista, e amanhã com a China, também restauracionista. Não se pode desconhecer ou omitir o fundo histórico da guerra na Ucrânia. Os Estados Unidos não poderiam permitir um acordo de Zelenski com Putin, em torno à

adesão da Ucrânia à Otan. A Rússia deve se curvar diante do imperialismo. Sua economia é débil em relação às potências, e, assim, é incompatível com os interesses do capital internacional, por controlar vastas riquezas petrolíferas e minerais.

No final agônico da URSS e, em seguida ao seu desmoronamento, os Estados Unidos procuraram desarmar a Rússia. Não era e não é admissível a um país de economia relativamente atrasada se manter como potência militar. A máscara do fim da “Guerra Fria” foi rasgada, na medida em que os Estados Unidos e aliados europeus foram recuperando o terreno perdido no Leste Europeu para a URSS, como resultado da nova partilha do mundo, em 1945. Mudou-se o conteúdo estratégico de derrubar a URSS, uma vez que esse objetivo havia sido realizado pelas próprias forças internas restauracionistas, mas não o de tornar as ex-repúblicas soviéticas, entre elas a Rússia, em semicolônias.

A hegemonia norte-americana do pós-guerra se consolidou com a interrupção da transição do capitalismo ao socialismo, iniciada com a Revolução de Outubro de 1917. O domínio quase que ilimitado dos Estados Unidos se impôs, por meio de guerras e contrarrevoluções. O avanço da revolução mundial era a condição para enfraquecer o imperialismo e enfrentar o capitalismo em decomposição. O pacifismo serviu de cobertura ao intervencionismo militar em todos os continentes. As bases militares da potência do Norte foram se espalhando por toda a parte. É nesse marco que se gestou o conflito na Ucrânia e o desencadeamento da guerra.

A partilha do mundo, acordada no final da Segunda Guerra, está esgotada. As forças produtivas reconstruídas se potenciaram e se encontram em choque com as relações capitalistas de produção. Ou a Rússia cederia passagem ao capital financeiro em toda a região, anteriormente controlada pela URSS, ou se chocaria com os Estados Unidos e demais potências. Ou a China rompe a sua centralização e independência, ou se confrontará com as forças unidas do imperialismo. Essas contradições da ordem mundial do pós-guerra ditam a escalada militar dos Estados Unidos na Europa, e o seu objetivo militar de impedir uma vitória da Rússia sobre a Ucrânia. A ameaça de transbordar a guerra para a Europa tem bases concretas. Já não soa absurda a ideia de uma terceira guerra mundial.

Em todo esse processo de agudo choque econômico e militar, permanece oculto o fator essencial, que é a luta de classes. O proletariado mundial foi desarmado ideológico, político e organizativamente pelo estalinismo, responsável pela decomposição da URSS e pelo seu colapso final. Mas conserva a experiência, o programa e sua teoria revolucionária, que se assentam no marxismo-leninismo-trotskismo. Trata-se de lutar no seio da classe operária e no interior de suas organizações pelas bandeiras internacionalistas do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (Cerqui). Fim da guerra na Ucrânia; desmantelamento da OTAN e das bases militares norte-americanas; revogação das sanções econômico-financeiras contra a Rússia; autodeterminação, integralidade territorial, e retirada das tropas russas da Ucrânia.

Trabalhadores e juventude oprimida**Lutemos por um programa próprio
e pela independência de classe!****Lutemos com os métodos próprios da classe operária!**

Nem bem a Pandemia se arrefeceu, os povos e trabalhadores do mundo todo se viram diante de uma guerra insana na Ucrânia. Nos dois anos de terror das contaminações e de milhares de mortes diárias, aqueles que arcaram com o maior peso foram a classe operária, camadas pobres da classe média urbana e os camponeses. Empobrecidas e desprotegidas, as massas pagaram caro, não apenas pela letalidade do vírus, como também pelo fechamento de fábricas, estabelecimentos comerciais e serviços, que resultaram em uma onda de demissões. Nessa situação calamitosa, os capitalistas ainda aproveitaram para cortar postos de trabalho, demitir e reduzir os salários, bem como eliminar direitos trabalhistas. A aplicação da MP 936, de Bolsonaro e do Congresso Nacional, resultou em um forte ataque às condições de trabalho e existência dos assalariados.

As direções sindicais colaboraram criminosamente com o plano emergencial de Bolsonaro, em nome da preservação de empregos. As centrais e os sindicatos se curvaram, diante da política burguesa do isolamento social. Agiram no sentido de evitar mobilizações e ações coletivas dos explorados. E, quando não era possível, fizeram corpo-mole, ou se colocaram pelo isolamento dos trabalhadores em luta. A traição mais escandalosa aos interesses da classe operária não se resumiu à aplicação da MP 936. Basta ver a conduta das direções sindicais, diante do fechamento da Ford e da LG. Os burocratas deixaram os metalúrgicos cansarem à espera de um acordo de demissão. Milhares de empregos foram destruídos, sem que as direções fizessem um mínimo esforço para potenciar a resistência dos operários. Criou-se um confronto entre as multinacionais e os

trabalhadores brasileiros, que exigia a ocupação das fábricas fechadas, e a luta para que o governo as estatizasse, sem indenizar os exploradores e saqueadores do País.

As centrais e sindicatos, ao se curvarem diante do capital imperialista, acabaram curvando-se também diante do governo Bolsonaro e dos governadores em cada estado da Federação. O fechamento de fábricas, demissões massivas, redução dos salários e precarização das relações trabalhistas marcaram o período da Pandemia. Eis por que também marcaram a conduta covarde e traidora das direções sindicais e políticas.

Nesse período, o 1º de Maio foi abolido do calendário da casta burocrática, que controla as organizações operárias. Em 29 de maio de 2021, essas mesmas direções decidiram quebrar a sua paralisia, e convocaram a primeira mani-

de uma das variantes da política burguesa opositora, liderada pelo PT. Esse conteúdo burguês e pequeno-burguês da linha político-organizativa, que promoveu as manifestações do “Fora Bolsonaro”, explica por que as centrais e sindicatos se negaram a defender um programa próprio dos explorados, e a organizar o movimento de massas no campo da independência classista.

A realização deste 1º de Maio presencial ocorre condicionada pelas traições do período da Pandemia e pelos desvios políticos do movimento “Fora Bolsonaro”. Ocorre condicionada pela corrida eleitoral, e, em particular, pela polarização entre Lula e Bolsonaro. Está, portanto, na contramão das necessidades dos explorados e da urgência em pôr de pé um movimento pelos empregos, salários e direitos trabalhistas; reajuste nacional das perdas salariais; reajuste automáti-

A realização deste 1º de Maio presencial ocorre condicionada pelas traições do período da Pandemia e pelos desvios políticos do movimento “Fora Bolsonaro”. Ocorre condicionada pela corrida eleitoral, e, em particular, pela polarização entre Lula e Bolsonaro.

festação do “Fora Bolsonaro e Impeachment”, que seria seguida por outras, sob a mesma orientação de articular uma frente burguesa opositora a Bolsonaro. Em 7 de setembro de 2021, as centrais fizeram a última demonstração, em atos esvaziados. O Congresso Nacional concluiu a CPI do Covid, e o movimento institucional pelo impeachment foi enterrado. As forças que impulsionaram o “Fora Bolsonaro” redirecionaram-se para as eleições, tendo em vista a projeção da candidatura de Lula.

Esse objetivo eleitoral, na realidade, estava na base da campanha “Fora Bolsonaro e Impeachment”. Ou seja, a frente ampla sindical se constituiu sobre a base

co de acordo com a inflação; derrubada das reformas trabalhista e previdenciária; fim das privatizações e reestatização, sem indenização; expropriação das empresas fechadas e estatização, sob o controle operário da produção; combate à pobreza, miséria e fome.

Está claro que esse 1º de Maio, controlado pela burocracia pró-capitalista, está morto para os explorados, que se encontram desorganizados e fragmentados em suas lutas. Inúmeras greves ocorreram e vêm ocorrendo, no momento. O fechamento da Toyota, as demissões na Volks, as férias coletivas na Mercedes e a greve na CSN indicam que a situação da classe operária se agravará

Milite no POR, um partido de quadros, marxista-leninista-trotskista. Discuta nosso programa.

nossa.classe@hotmail.com - www.pormassas.org - fb.com/massas.por - anchor.fm/por-massas / ☎ (11) 95446-2020

ainda mais, caso os explorados não se levantem urgentemente por um programa próprio de reivindicações, baseado em assembleias, em comitês de base e mobilização coletiva.

A mudança de caminho implica a luta no seio da classe operária contra a política pró-capitalista e de colaboração de classes das direções sindicais. As greves e protestos de resistência expressam as tendências de revolta latente entre as massas exploradas. É nesse descontentamento que se apoia a política eleitoral das direções sindicais e políticas, que procuram desviar o ódio da população oprimida para as eleições e para a ilusão de que se trata de trocar o governo antidemocrático e antipopular de Bolsonaro pelo democrático e popular de Lula, para, assim, resolver o problema da miséria e fome. Não há nada mais falso. A experiência demonstrou que Lula governou para a burguesia em geral, e, em particular, para o grande capital. O assistencialismo apenas serviu de emplasto para as feridas da miséria e das dores de milhões de brasileiros, que mal têm o que comer.

Pelo fato de a maioria das centrais utilizar o Dia Internacional dos Trabalhadores para fins alheios às necessidades e aos interesses dos explorados, os atos não passarão de palanques para discursos demagógicos de burocratas e politiquinhos, de que um novo governo “progressista” resolverá o desemprego, o subemprego, o salário mínimo de fome e a miséria. Não faltará discurso sobre a reforma trabalhista de Temer, etc.

De nossa parte, chamamos a classe operária e os demais explorados a confiarem apenas em suas próprias forças, e se erguerem contra a burguesia, empunhando um programa próprio. Está colocada a defesa da convocação de um Dia Nacional de Luta, com paralisações

e bloqueios, em defesa dos empregos, salários e direitos. Um passo que se dê na organização independente e na mobilização unitária dos explorados serve de preparação para uma greve geral. Sabemos que é preciso muito trabalho de organização para alcançar uma forte união da classe operária e dos demais trabalhadores, mas as condições de desemprego e penúria da maioria oprimida exigem a utilização da greve geral, que mostre à burguesia e aos governantes a disposição de combate da classe operária.

Este 1º de Maio está envolto, tanto

(...) chamamos a classe operária e os demais explorados a confiarem apenas em suas próprias forças, e se erguerem contra a burguesia, empunhando um programa próprio. Está colocada a defesa da convocação de um Dia Nacional de Luta, com paralisações e bloqueios, em defesa dos empregos, salários e direitos.

pelos problemas nacionais, quanto internacionais do proletariado. A guerra na Ucrânia se distingue em grau dos demais, ocorridas após a Segunda Guerra, pelo fato de refletir características que extrapolam os conflitos regionais, projetando-se como internacionais. Basta ver o perigo de se estender da Ucrânia para toda a Europa. Os seus efeitos econômicos globais se fazem sentir com a elevação do preço do petróleo, gás e alimentos. Quem está arcando com os custos da guerra são os trabalhadores de todas as latitudes, mais violentamente os ucranianos.

O Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (Cerqui)

defende que o 1º de Maio levante as bandeiras: fim imediato da guerra, desmonte da OTAN e das bases militares norte-americanas; revogação das sanções econômico-financeiras contra a Rússia, autodeterminação, integridade territorial, e retirada das tropas russas da Ucrânia. Que o 1º de Maio classista e internacionalista se coloque pela unidade revolucionária da classe operária ucraniana, russa, da Europa e de todo o mundo, para acabar com a guerra de dominação. Que as organizações operárias organizem a luta coletiva, vinculando a defesa da vida das massas com as bandeiras de combate ao imperialismo e à violação do direito à autodeterminação da Ucrânia.

***Viva o 1º de Maio Classista e Internacionalista!
Não ao uso burguês e pequeno-burguês do Dia Internacional dos Trabalhadores!***

Por um programa próprio dos explorados!

***Pela convocação de um Dia Nacional de Lutas, com paralisações e bloqueios!
Preparar a greve geral em defesa dos empregos, salários e direitos trabalhistas!***

Pela unidade da classe operária internacional contra a guerra de dominação na Ucrânia!

Pelo imediato fim da guerra e da barbárie!

Trabalhadores, uni-vos contra o capitalismo em decomposição e pelo socialismo.



R\$ 30

ADQUIRA COM NOSSO DISTRIBUIDOR DO MASSAS

Lênin estrategista da revolução proletária
Apontamentos sobre a história do Partido Bolchevique

LANÇAMENTO LIVRO

Lênin estrategista da revolução proletária

Este livro faz parte da luta da vanguarda consciente em superar a crise mundial de direção, construindo o Partido Operário Revolucionário, como seção brasileira do Comitê de Enlace pela Reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.



Nova Coleção Editorial

Boletim Nossa Classe- 1º de maio

Política Operária

Por um 1º de Maio classista e internacionalista

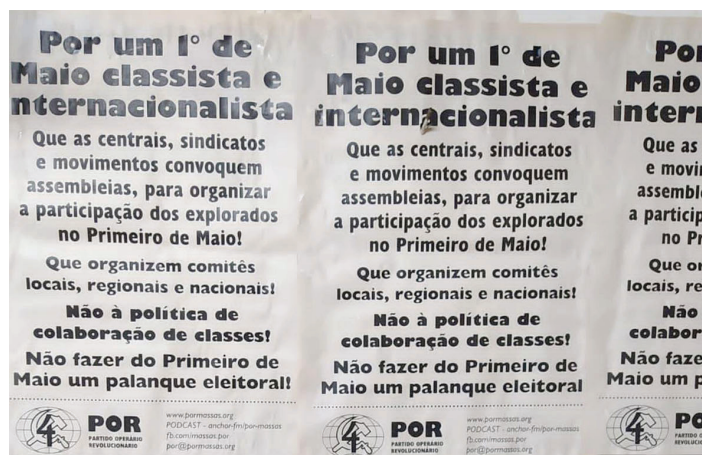
Neste ano, o 1º de Maio ocorre em meio à guerra na Ucrânia, à queda econômica e à elevação da inflação em todo o mundo. Assim, o 1º de Maio classista e internacionalista deve colocar-se pela defesa de um programa próprio de reivindicações, e dar partida a um movimento nacional, que deve iniciar-se pela convocação de um Dia Nacional de Luta, com paralisações e bloqueios.

O Boletim Nossa Classe está fazendo uma campanha para que as centrais, os sindicatos e os movimentos convoquem um 1º de Maio unitário, classista e internacionalista.

Unitário, porque a classe operária e os demais explorados necessitam de sua união para lutar: contra a exploração capitalista, os salários de fome, o desemprego e o subemprego massivos e a destruição de direitos trabalhistas.

Classista, porque corresponde à luta da classe operária e dos demais trabalhadores contra os exploradores capitalistas. Os explorados e os exploradores são classes opostas. Nós, operários, vendemos nossa força de trabalho aos capitalistas por um salário que mal dá para sobreviver. E os capitalistas obtêm altos lucros, e vivem no mundo da fartura e do luxo. A luta classista do proletariado e dos demais trabalhadores tem de ser organizada e independente de toda a política burguesa.

Internacionalista, porque a classe operária é uma só em todo o mundo. Tem necessidades e interesses comuns em todo o lugar. O fato de estar separada em países e ter características nacionais não lhe tira a condição de classe única ex-



plorada mundialmente pela classe capitalista. Assim, a luta contra a exploração do trabalho, pobreza e miséria é uma só em todos os países.

O Boletim Nossa Classe considera que a situação dos explorados no Brasil e em todo o mundo vem piorando dia a dia. O desemprego aumenta, com a redução do crescimento econômico, com o fechamento de fábricas e com a intensificação da exploração do trabalho. Nesta terrível situação, o 1º de Maio deve servir como ponto de partida para organizar imediatamente a luta por emprego, salário e direitos trabalhistas.

Rejeitamos o 1º de Maio burguês

Há muito, o 1º de Maio tem sido utilizado para as direções sindicais e políticas fazerem discursos eleitorais e festividades. Eis por que dizemos que é burguês. Não é preciso ter os empresários presentes, para que seja burguês. Basta que a política das direções sindicais submeta as organizações operárias à politicagem eleitoral, e esvazie seu conteúdo classista

e de luta, para que o 1º de Maio seja burguês.

O Boletim Nossa Classe chama os trabalhadores a condenarem e a rejeitarem o 1º de Maio eleitoral e festivo, convocado pelas centrais sindicais, a ser realizado no Pacaembu.

O Boletim Nossa Classe chama os trabalhadores a defenderem o 1º de Maio unitário, classista e internacionalista.

Todo apoio ao 1º de Maio da Praça da Sé

O Boletim Nossa Classe e o Partido Operário Revolucionário trabalharam pelo 1º de Maio unitário. Mas, para ser unitário, é preciso que seja classista e internacionalista. Assim, os movimentos e as correntes políticas contrários ao 1º de Maio burguês decidiram realizar um 1º de Maio indepen-

dente da política de colaboração de classes da burocracia sindical, que controla as centrais.

O Boletim Nossa Classe convoca os trabalhadores e a juventude oprimida a se reunirem e se manifestarem no 1º de Maio da Praça da Sé, às 10 horas.

Lutemos por um programa próprio de reivindicações dos explorados

Trabalhadores e juventude oprimida compareçam ao 1º de Maio da Praça da Sé para defender e lutar por um programa próprio de reivindicações.

Diante das demissões e desemprego

1) Redução da jornada de trabalho, sem reduzir os salários; 2) Estabilidade no emprego; 3) Escala móvel das horas de trabalho, dividindo as horas nacionais trabalhadas entre todos os aptos ao trabalho; 4) Constituir comitês de empregados e desempregados.

Diante do fechamento de fábricas

1) Convocar a assembleia geral; 2) Ocupar a fábrica e impor o controle operário da produção; 3) Exigir dos governantes que estatizem, sem indenização, as fábricas fechadas.

Diante das privatizações e da desnacionalização

1) Fim das privatizações; 2) Reestatização das já privatizadas; 3) Estabelecer o controle operário da produção; 4) Constituição de uma frente única anti-imperialista pela independência do país diante das potências.

Diante da alta do custo de vida

1) Lutar por um reajuste nacional dos salários, de acordo

com a elevação do custo de vida; 2) Por um salário mínimo vital, que cubra as reais necessidades da família trabalhadora; 3) Escala móvel de reajuste, de acordo com a alta inflacionária; 4) Por campanhas salariais unificadas e organizadas por meio de assembleias e comitês de base.

Diante da quebra de direitos trabalhistas e previdenciários

1) Revogação da reforma trabalhista de Temer e da refor-

ma da Previdência de Bolsonaro; 2) Defesa de todas as conquistas trabalhistas da classe operária.

Diante da destruição de direitos sindicais

1) Pelo fim das leis antigreve; 2) Defesa do direito irrestrito de greve, manifestações e organização sindical; 3) Pelo fim da intervenção da Justiça do Trabalho no movimento dos trabalhadores.

O 1º de Maio diante da guerra da Ucrânia

Os trabalhadores do mundo todo devem levantar a bandeira de "Fim da Guerra na Ucrânia". Toda a guerra destrói riquezas e vidas humanas. Mas existem guerras de dominação e guerras de libertação. O que se passa na Ucrânia é guerra de dominação. Eis por que a classe operária mundial não pode apoiar os Estados Unidos e seus aliados, ou a Rússia. Os Estados Unidos são os mais interessados em sangrar o povo ucraniano, com o prolongamento da guerra. O imperialismo vem usando a OTAN para cercar a Rússia e, assim, quebrar o seu controle sobre imensas riquezas petrolíferas e minerais. Ocorre que a invasão das tropas russas resulta em opressão nacional da Ucrânia.

Somente a união da classe operária russa, ucraniana, eu-

ropeia, norte-americana e de todo o mundo pode combater a guerra de dominação com uma política de classe.

O Partido Operário Revolucionário (POR) vem fazendo uma campanha organizada pelo Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (Cerqui), sob as seguintes bandeiras: Fim da guerra e da barbárie; desmantelamento da OTAN e das bases militares norte-americanas; revogação das sanções econômicas contra a Rússia; pela autodeterminação, integridade territorial e retirada das tropas russas da Ucrânia.

O Boletim Nossa Classe chama os operários a apoiarem e lutarem no 1º de Maio sob essas bandeiras, e pela unidade mundial da classe operária.

Alerta aos metalúrgicos do ABC É preciso uma grande mobilização em defesa dos empregos

O fechamento da Toyota é mais um anúncio de que as multinacionais estão fazendo grandes mudanças. Mudanças essas que resultam em demissão em massa e redução do valor da força de trabalho. É bom lembrar o desastre que foi o fechamento da Ford. A direção do sindicato acabou se sujeitando à multinacional. Os acordos de demissão servem para impedir a luta operária pelos empregos. A Volks demitiu recentemente mais de uma centena de companheiros. Novas demissões virão. Nesse momento, voltou a suspender a produção, alegando falta de componentes. Por sua vez, cerca de 5

mil metalúrgicos da Mercedes estão em férias coletivas. Estão nos cálculos da Mercedes, Scania e Rassin, a importação de ônibus elétricos da China. Mais empregos serão sacrificados. O aprofundamento da crise mundial com a guerra na Ucrânia será descarregado sobre as costas dos trabalhadores.

O Boletim Nossa Classe defende que o sindicato convoque a assembleia geral, para discutir todos esses problemas, e aprovar um plano de luta que unifique a classe operária contra o fechamento de fábricas, demissões e quebra de direitos.

São Paulo

Relato da distribuição do Boletim Nossa Classe na Volks

No dia 28 de abril, o Boletim Nossa Classe foi distribuído aos operários da Volks, atingindo também os terceirizados e os motoristas dos ônibus fretados. A agitação se deu em torno à bandeira de que a classe operária é uma só, que é internacional, suas necessidades são as mesmas; que a luta pelos empregos, salários, Saúde e Educação se dá no mundo todo.

Alguns operários vieram até o alambrado que cerca a empresa pegar o Boletim, atraído pela bandeira do 1º de Maio classista e internacionalista, que se diferenciava do 1º de Maio festivo, convocado pela direção do sindicato metalúrgico do ABC. Disseram que os delegados sindicais estavam convocando para o ato das centrais.

Os militantes do POR puderam mostrar que a política das direções é a de se submeter as organizações sindicais às eleições, e que estão usando o 1º de Maio do Pacaembu para a campanha de Lula. Ao contrário, o ato da Praça da Sé é contra o eleitoralismo. E que o POR participará deste ato, levantando um programa próprio dos explorados, como o emprego, salário e direitos, bem como os métodos da luta de classes. Defenderá um Dia Nacional de Luta, com paralisações e bloqueios. Ao mesmo tempo, fará a defesa do internacionalismo, erguendo as bandeiras do Comitê de Enlace (Cerqui) pelo fim da guerra na Ucrânia, pelo desmantelamento da OTAN e das bases militares norte-americanas, revogação



das sanções econômicas à Rússia, autodeterminação, integridade territorial, e retirada das tropas russas da Ucrânia. ■

São Paulo

Denúncia de um operário ao Boletim Nossa Classe

O Boletim Nossa Classe recebeu de um operário da CBC a seguinte denúncia: nos vestiários, tinha bancos de plásticos para os funcionários sentarem, no horário do almoço ou do jantar, antes de começar a produção, mas o patrão, que quer ser o dono absoluto da vida das operárias e dos operários, resolveu tirar os bancos. Os seus porta-vozes, os “che-

fetes”, alegaram que o lugar de sentar, agora, é em uma praça construída dentro da fábrica. Como ela é aberta, quando chove ou faz frio, os funcionários são obrigados a ficar no relento.

Os patrões não medem esforços para vigiar a classe operária, nem nos momentos em que podem parar um pouco, tem sempre um chefe nas suas costas.

Esse é um dos exemplos de como o patrão exerce seu poder sobre os trabalhadores. Para isso, usa os “chefetes”, que são os olhos e ouvidos do capitalista no interior da fábrica. É preciso que a direção do sindicato convoque a assembleia, para discutir e aprovar o retorno dos bancos no vestiário, se assim desejar a maioria dos operários. ■

Ceará

Boletim Nossa Classe

O Boletim traz como chamado central o chamado para a organização da campanha salarial, sob o título: Sem a greve, os patrões não atenderão as reivindicações. Informa que na assembleia de 15 de abril os operários foram avisados de que a patronal não pretende atender as reivindicações. Em relação ao reajuste de 17,5%, os patrões oferecem apenas 10%, recusam-se a corrigir o valor da cesta-básica, de R\$ 163,00, para R\$ 200,00. A direção do sindicato vem fazendo a paralisação em forma de rodízio, como aconteceu da WDG, na BSPAR, Estrutech, LMB, etc. Diante da negativa patronal, a direção rebaixou a reivindicação salarial para 13,5%, que mal cobre a inflação oficial. Esse caminho da direção sindical levará à derrota dos operários. É preciso fortalecer a organização da classe operária, para que haja a luta consequente pelo reajuste de 17,5%, aumento do valor da cesta-básica, e em defesa dos direitos trabalhistas. E só há o caminho da preparação da greve unitária. Nada de greve de rodízio. Que o sindicato

convoque uma assembleia geral dos operários da construção civil, com a mais ampla democracia, para aprovar a greve.

O Boletim também denuncia a morte do operário José Carlos dos Santos Cruz, e os ferimentos de mais dois, nas obras do hospital da UECE. O governo emitiu nota de pesar, e determinou que o Consórcio de empresas responsável pela obra e a Polícia Civil investiguem a causa do acidente, que, geralmente, isentam os verdadeiros responsáveis. O Boletim mostra que acidentes como esse têm sido comuns, e que os operários vivem denunciando as precárias condições de trabalho. Reforça as denúncias dos trabalhadores, e responsabiliza o Consórcio Saúde Ceará e o governo do estado pela morte de José Carlos. Ao mesmo tempo, exige que o sindicato convoque a assembleia operária para aprovar a luta contra as péssimas condições de trabalho e levante a bandeira pela estatização, sem indenização, das empresas de construção civil e pesada. ■

Boletim Nossa Classe – Ectetista – Abril

O Boletim Nossa Classe dirigido aos trabalhadores dos Correios trouxe um retrato da piora das condições de vida da maioria nacional: aumento da inflação, diminuição da renda média dos assalariados, desemprego ainda nas alturas, aumento dos despejos e o fechamento de fábricas. A este quadro de barbárie generalizada, o Boletim pergunta qual tem sido a posição dos partidos de esquerda, das direções dos movimentos e dos sindicatos. A resposta não poderia ser a pior: *“De 2021 para cá, direções das centrais (CUT, CTB, Força Sindical, CSP-Conlutas), dos sindicatos (como os estaduais ou as federações dos trabalhadores dos Correios), dos movimentos sociais (a exemplo de MST) e dos partidos de esquerda (PT, PSOL, PCdoB) embarcaram na campanha do “Fora Bolsonaro”, e deixaram de lado a luta pelas reivindicações em torno dos salários, dos empregos, dos direitos e contra as privatizações. São direções eleitoreiras, que querem apenas eleger parlamentares e membros do Executivo, despre-*

zando a luta nos locais de trabalho e nas ruas.”

Se esta é a situação geral, no caso dos trabalhadores dos Correios, não é muito diferente: enquanto amargam a quebra de direitos, o rebaixamento salarial e a piora nas condições de trabalho, suas direções, da FENTECT e FINDECT, apenas fazem propaganda eleitoral em seus canais de comunicação, e fazem apenas campanhas de pressão parlamentar, apostando no desgaste do governo. O Boletim Nossa Classe chama os trabalhadores a exigirem das direções a organização de um Dia Nacional de Luta, para erguer a mobilização por empregos, salários, direitos e contra a política privatista.

O Nossa Classe também colocou a necessidade de organizar Primeiros de Maio classistas e internacionalistas, em cada cidade e região, para responder aos problemas nacionais e internacionais que o conjunto dos trabalhadores tem enfrentado, no último período de crise econômica do capitalismo.

Também aproveitou para denunciar, mais uma vez, a política de isolamento social, imposta pelos governos e capitalistas, e seguido pelas direções sindicais, que levou à não realização dos grandes atos, nos últimos dois anos. A realização de Primeiros de Maio presenciais e de luta é essencial neste momento, para garantir a independência de classe e a defesa das reivindicações elementares dos trabalhadores.

Por fim, como parte da Campanha do Cerqui/POR, o Boletim trouxe a denúncia da Guerra na Ucrânia e as bandeiras

para se contrapor à propaganda imperialista dos EUA e à ação opressiva da Federação Russa contra a Ucrânia. Conclui da seguinte forma: *“Os efeitos da Guerra já são sentidos em todo planeta. Por isso, uma campanha internacionalista dos sindicatos se faz necessária. Defendemos, como parte desta campanha, as bandeiras: 1) Desmantelamento da OTAN e das bases militares norte-americanas; 2) revogação das sanções econômicas contra a Rússia e a economia mundial; 3) autodeterminação da Ucrânia, e retirada imediata das tropas russas do território ucraniano.”*

Rio de Janeiro

Morre mais um jovem negro no Jacarezinho pelas mãos da PM

Faltando 11 dias para completar um ano da chacina do Jacarezinho, dois meses após a implementação do projeto de ocupação Cidade Integrada na comunidade, acontece outro caso de um jovem negro morto pela PM. Jhonatan Ribeiro tinha 18 anos, e foi baleado no peito, na noite do dia 25 de abril. Não acontecia nenhum confronto com o tráfico no momento, um morador filmou o momento da morte e a fuga da PM, sem prestar nenhum socorro ao jovem. Os moradores levantaram seu corpo do chão e, de moto, o levaram até a UPA (Unidade de Pronto Atendimento) de Manguinhos, também na zona norte da cidade. Jhonatan trabalhava com a tia, na venda e entrega de roupas, e estava esperando o período de alistamento no quartel. Ele deixou um filho de quatro meses.

O projeto de ocupação Cidade Integrada, segundo o governo do estado,

tem por objetivo retomar regiões que estão ocupadas pela milícia e pelo tráfico, para trazer melhores condições de vida para os moradores. Um mês depois da ocupação, no mês de março, o projeto, que não passa de uma nova versão das UPPs, já reunia relatos de invasão e furtos da polícia às casas de moradores, de intimidação diária ao trabalhador da favela, etc. Uma moradora relatou que os PM compram nas lojas do morro, saem sem pagar, rindo e falando para os donos das lojas colocarem na conta do governador.

O POR vem denunciando a violência e morticínio contra os pretos e pretas pobres pelas mãos da PM, como nos casos da jovem Kathlen, da Ágata, do João Vitor e tantos outros, mas também trabalhando por revelar o caráter de classe da opressão racial. Isso significa que o racismo não pode ser

resolvido sob o capitalismo. Enquanto as direções políticas apontam para as eleições, para a troca de um governo burguês por outro, como forma de iludir as massas de que sua situação será resolvida, o POR diz que o fim da barbárie só será possível com o fim do capitalismo apodrecido. Para isso, é preciso construir o partido-programa, e trabalhar por organizar as massas por suas necessidades mais imediatas, o emprego, o salário e os direitos. É por aí que a revolta, contra essa e as demais violências do Estado burguês, encontrará seu caminho.

Lutemos contra o racismo e a polícia, sob a orientação do programa da revolução proletária, da instauração de um governo operário e camponês, e transformação da propriedade privada dos meios de produção em propriedade social, socialista. ■

Rio de Janeiro

Boletim da Corrente Proletária Estudantil - UFF

O POR vem se construindo no Rio de Janeiro, e para expressar suas posições tem publicado mensalmente o Boletim da Corrente Proletária Estudantil. Na edição de maio, trouxe a defesa do 1º de Maio classista e internacionalista, como ponto de partida para uma luta nacional unificada contra a brutal crise, que assola os trabalhadores e a juventude oprimida. Essa crise econômica foi aprofundada com a Pandemia e, mais recentemente, com a guerra na Ucrânia. Conclui o chamado do 1º de Maio classista e internacionalista com a tarefa de lutar pelo fim da guerra de dominação que massacra a Ucrânia, sob as seguintes bandeiras do Comitê de Enlace (CERQUI): Desmantelamento da OTAN e das bases militares dos EUA na Europa e no mundo; Fim das sanções econômicas dos EUA; Autodeterminação e unidade territorial da Ucrânia; Retirada das tropas russas.

Esta edição trata ainda de quatro problemas importantes para os cariocas e fluminenses, o assassinato do jovem Jhonatan Ribeiro, de 18 anos, pelas mãos da PM; a luta dos trabalhadores do SINTUFF por melhores condições de trabalho; a greve operária na CSN de Volta Redonda; e as condições precárias do transporte público no estado. De conjunto, indicamos a necessidade de unificar as lutas que estão em curso, sob a bandeira de um Dia Nacional de Luta, com paralisações e bloqueios, para preparar a greve geral. As condições de miséria das massas, precarização dos transportes, violência policial, etc., devem ser respondidas com um programa próprio da classe operária e dos demais trabalhadores, incluindo a juventude oprimida, com independência de classe, e sob a estratégia da revolução e ditaduras proletárias.

Pernambuco

Assembleias presenciais do IFPE aprovam construção do Comando de Mobilização e uma resolução pelo fim da guerra na Ucrânia

A direção do SINDSIFPE realizou, entre final de março e início de abril, uma rodada de assembleias presenciais nos campi, com a pauta principal da campanha pela reposição salarial sob o índice de 19,99%, como aprovado pelo FONASEFE. Sob a discussão de como conquistar a reposição, aprovou-se “Estado de Greve” na maioria dos campi, enquanto não houver uma decisão do movimento nacional.

O POR atuou nas assembleias dos campi Abreu e Lima, região metropolitana de Recife e Barreiros, mata sul. Defendeu a construção do Comando de Mobilização de preparação da greve, principalmente no quadro de desmobilização, que foi intensificado com o isolamento social da Pandemia. O Sinasefe é um sindicato de técnicos administrativos e docentes, mas a composição das assembleias foi majoritariamente de técnicos, o que pode ser explicada pelos menores salários e maiores perdas salariais. Além disso, defendeu uma resolução pelo fim da guerra na Ucrânia, pela importância dos trabalhadores e seus sindicatos se colocarem por uma política independente contra as sanções imperialistas, que são um ataque à economia mundial, e pela retirada das tropas russas da

Ucrânia, em defesa da autodeterminação da nação ucraniana.

O Comando de mobilização do campus Barreiros foi aprovado em assembleia, e imediatamente construído por técnicos e docentes. O Comando atuou com um panfleto direcionado à base do campus, apontando a necessidade de fortalecer a luta pela reposição salarial. Expressou a necessidade de unidade com os estudantes, convocando-os a defender as condições de estudo e trabalho, contra os cortes de verba sofridos. E a necessidade do apoio ativo dos IFs à greve do INSS; e que a derrota da greve dos trabalhadores do INSS será uma derrota para todos os servidores.

Diante da deflagração da greve para o dia 16 de maio pela Plenária Virtual, houve unificação dos comandos, formando Comando de Mobilização Unificado do IFPE. O comando unificado iniciará o processo de mobilização em 28 de abril, com panfleto unificado pela construção da greve do dia 16. Além disso, organizou-se um calendário de reuniões presenciais por região, como forma de superar a fragilidade e dispersão dos métodos virtuais.

Abaixo publicamos a resolução

Resolução pelo fim da guerra na Ucrânia

A guerra na Ucrânia resultou do cerco imperialista imposto à Rússia pelos EUA e a Otan, após a dissolução da URSS, em 1991. Rapidamente, as ex-repúblicas populares e as ex-soviéticas desmembradas da Rússia foram incorporadas à Otan e instalaram bases militares direcionadas contra Rússia.

Os EUA empurraram o governo Zelenski a provocar a ocupação russa, mantendo a disposição de colocar também a Ucrânia na Otan. Zelenski, mesmo sabendo que não contaria com tropas da Otan para se defender, fez o jogo do

imperialismo, e colocou a Ucrânia como bucha-de-canhão dos interesses imperialistas.

A responsabilidade da Rússia não está no fato de procurar defender-se da ofensiva da Otan, mas de oprimir a Ucrânia, de pisotear o seu direito à autodeterminação, e de utilizar os meios e os métodos militares próprios do imperialismo.

A Ucrânia não pode libertar-se da opressão nacional da Rússia, submetendo-se aos maiores opressores do mundo, que são os Estados Unidos e as potências europeias. E a Rússia não tem como se defender do cerco imperialista nor-

te-americano do pós-guerra e do fim da URSS, submetendo as ex-repúblicas soviéticas.

A Assembleia dos servidores do IFPE – campi Abreu e Lima e Barreiros, em face do conflito, se posiciona pelas seguintes bandeiras: Abaixo as medidas econômicas e financeiras de Biden contra a Rússia e a economia mundial! Pelo desmantelamento da Otan! Pelo fim das bases militares dos Estados Unidos na Europa e no mundo! Retirada das Forças Armadas russas da Ucrânia! Pela autodeterminação e unidade territorial da Ucrânia! ■

Ceará

Boletim da Corrente Proletária – Universidade Estadual do Ceará (UECE)

O Boletim trouxe duas notas sobre a situação precária na UECE. A primeira se refere à exigência de cadastro biométrico aos usuários do restaurante universitário, e denuncia a situação caótica: filas gigantescas, estrutura que não comporta o número de usuários e, principalmente, falta de condições da cozinha em atender toda a demanda dos estudantes por almoço. Diz que a biometria acarreta outros transtornos, já que o pagamento da taxa de R\$ 0,80 do almoço tem de ser colocado em crédito na conta previamente. Mostra que a luta pela preservação e ampliação do RU é fundamental. O que implica a defesa das assembleias universitárias, para organizar um movimento em torno às reivindicações vitais, que vão desde a luta pelo RU até as condições de ensino e trabalho.

A segunda nota diz respeito ao retorno presencial às aulas na UECE. No entanto, diz que essa volta ocorre em meio a velhos

problemas: estrutura física caindo aos pedaços, falta de bolsas remuneradas e professores, iluminação insuficiente em certos blocos, goteiras e infiltrações em salas de aula e bibliotecas, restaurante universitário precário, etc. O Boletim conclui com a exigência de convocação da assembleia geral universitária, que deve ser colocar, entre os problemas citados, contra o avanço da privatização, que se realiza por meio dos cursos de especialização lato e stricto sensu e do ensino a distância (EaD).

Por fim, o Boletim impulsiona a Campanha do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (Cerqui) pelo fim da guerra na Ucrânia, expressa em suas bandeiras: fim da Otan; desmantelamento de todas as bases militares; abaixo as sanções econômicas contra Rússia e as massas oprimidas; autodeterminação, integridade territorial, e retirada das tropas russas da Ucrânia. ■

Rio Grande do Norte

Assembleia e passeata dos professores grevistas

Assembleia dos professores de Natal, realizada no dia 20 de abril, terminou com uma passeata até a prefeitura. No entanto, a assembleia foi extremamente controlada pela direção petista do SINTE. Alegando pressa para encerrar para que houvesse a passeata, a burocracia impediu que houvesse uma avaliação por parte das correntes que intervêm na greve. Assim, apenas a direção e o “jurídico” falavam. Os informes jurídicos circunscreveram-se à denúncia do Secretário Paulo Barra, que divulgou a notícia de que os professores ganham 10 mil reais mensais, e que os professores enviassem provas para alimentar o processo contra o Secretário.

A direção do sindicato não apresentou nenhuma proposta para fortalecer a greve, que se encontra isolada.

Durante a passeata, entidades estudantis, que reuniram cerca de 300 alunos, se somaram ao movimento dos professores, exigindo o retorno de “100 % da frota de ônibus” e “passe livre”. Isso permitiu que a população, que se encontrava nas paradas de ônibus, tomasse ciência do movimento grevista e da luta dos estudantes. A Corrente Proletária da Educação/POR atuou com a distribuição da Carta sobre o 1º de Maio, em defesa de um 1º de Maio classista e internacionalista. ■

Rondônia

Ampliar a greve, fortalecer as manifestações de rua e unificar o movimento



Apesar da direção conciliadora do Sindicato dos trabalhadores em Educação do Estado de Rondônia (SINTERO) ter traído a categoria e dividido as reivindicações, os trabalhadores técnicos das escolas do município de Porto Velho deflagraram a greve por tempo indeterminado, em uma assembleia massiva, no dia 28.

O movimento se fortaleceu, após o prefeito anunciar que implantaria o percentual de 33,24% do Piso Nacional para os professores, 10,06% para os funcionários de escolas, e 51% no vale alimentação. Lamentavelmente, isso aconteceu através de negociações com a diretoria do sindicato, desde mês de janeiro.

No entanto, a greve iniciou com 80% de adesão da categoria. A burocracia do sindicato foi arrastada pela grande mobilização dos técnicos. O prefeito, como era esperado, lançou ameaças, exigindo que as direções das escolas anotem as faltas, visando ao corte de salários dos grevistas. Porém, o movimento não se arrefeceu. Os grevistas continuam firmes, exigindo que o prefeito conceda o mesmo percentual de reajuste dos professores.

A Corrente Proletária da Educação/POR intervém na greve, rechaça as ameaças do prefeito e de diretores de escolas, combate o divisionismo imposto pelo Sintero, e exige que a direção do sindicato convoque uma assembleia geral para unificar a luta de todos os trabalhadores da educação. ■

Intervenção da Corrente Proletária no Conselho de Representantes (CR) da Apeoesp

No dia 30 de abril, ocorreu a reunião do CR. Teve como pauta a discussão da situação internacional, nacional e a campanha salarial. A Corrente Proletária interveio por meio da exposição de suas posições, divulgação do Boletim, e com a banca de materiais do POR. Reproduzimos abaixo dois pontos do Boletim:

Que a Apeoesp aprove uma campanha que combine a luta pelo fim da guerra na Ucrânia com as reivindicações elementares dos explorados

Os efeitos da crise econômica mundial, que se arrastam desde 2008, se têm intensificado no último período, em meio a um cenário marcado pela guerra comercial e, principalmente, pela bárbara guerra na Ucrânia, trazendo, como consequência, uma escalada inflacionária sobre os preços das commodities, atingindo diretamente os produtos de primeira necessidade, e elevando o custo de vida. Em outras palavras, o que se vê é o acirramento da barbárie em suas múltiplas formas.

A Corrente Proletária na Educação/POR vem fazendo uma ostensiva campanha pelo fim da guerra, combinada com as reivindicações concretas das massas, que emergem da situação de crise. Tal campanha consiste na aplicação, em nosso país, da campanha internacionalista do Comitê de Enlace pela Reconstrução da Quarta Internacional (Cerqui) junto às fábricas, no movimento social e nos sindicatos em que atua, por meio das bandeiras: Pelo desmantelamento da OTAN! Pelo fim das bases militares dos Estados Unidos na Europa e no mundo! Abaixo as medidas econômicas e financeiras de Biden contra a Rússia e a economia mundial! Pela autodeterminação e unidade territorial da Ucrânia! Pela retirada das Forças Armadas russas da Ucrânia!

Trata-se de agitar essas bandeiras, sem deixar de erguer as consignas ligadas à defesa dos empregos, salários e direitos, exigindo das direções sindicais e políticas que convoquem um Dia Nacional de Lutas, que se coloque como um meio de unificação das lutas em curso, e se constitua como um passo na construção de uma poderosa greve geral.

É a própria realidade que impõe esse caminho, como uma necessidade. A burguesia e seus governos, nos últimos dois anos, já vinham se aproveitando da crise pandêmica para ampliar a ofensiva contra o emprego, os salários e os direitos dos trabalhadores, impondo maiores retrocessos, por meio da retirada de direitos e intensificação do arrocho salarial.

As condições de vida da maioria dos trabalhadores estão cada vez piores. O desemprego está nas alturas, várias fábricas vêm sendo fechadas, a exemplo da Toyota, como foi a Ford antes, entre outras. A alta inflacionária, causada pela crise econômica e pandêmica, e, agora, pela guerra na Ucrânia, tem corroído os salários dos assalariados. Essa situação não é diferente entre os trabalhadores da Educação de São Paulo. Os governos do PSDB mantiveram os salários arrochados, enquanto as condições de trabalho nas escolas só têm piorado. Diante dessa situação, a Corrente Proletária na Educação defende: Combinar a luta pelo fim da guerra na Ucrânia com a defesa das reivindicações elementares das massas; – Lutar em defesa dos empregos, salários e direitos, com o método da ação direta; – Por um Dia Nacional de Lutas, como preparação para uma poderosa greve geral.

Que necessariamente se deve iniciar com uma assembleia estadual, amplamente convocada a partir das escolas

Que tenha como pontos principais: reajuste de 33,24% para todos; fim do desconto da previdência aos aposentados; revogação do Plano de Carreira de Doria

Os 10% de reajuste é um acinte, diante do brutal arrocho sa-

larial imposto há anos pelos governos do PSDB. A maioria da categoria recebia e continua recebendo menos que o Piso Nacional. O governo, ao implementar os 10% nos salários, e manter o Complemento de Piso na forma de gratificação, mostrou como os salários paulistas estão rebaixados. O mísero reajuste, que sequer cobre a inflação, será confiscado, com a medida de Bolsonaro em relação ao imposto de renda. Os funcionários de escola também perceberam a manobra do governo, que concedeu com uma mão o falso plano de carreira, e retirou com outra, mantendo a maioria dos salários nivelados pelo salário mínimo paulista. Os aposentados, por sua vez, amarguraram mais arrocho salarial. Além dos 10% de reajuste, não repuserem o confisco da Previdência- SPPrev, “aposentados sem paridade” receberam menos do que isso.

Esse relato serve para mostrar o quanto as perdas salariais são elevadas. Além de não serem repostas, tendem a aumentar, com a alta inflacionária e a retirada de direitos. Os efeitos do PL 529 – reforma da Previdência – e PLC 026 fazem parte dessa política de congelamento salarial e cortes de direitos. E a tendência é de mais ataque ao funcionalismo público.

Está aí por que é preciso organizar uma verdadeira campanha salarial. Para isso, o primeiro passo é a convocação de uma assembleia massiva, desde as escolas. Em seguida, aprovar uma pauta de reivindicações, que tenha como eixo as seguintes reivindicações: 1) reajuste de 33,24% a todos os professores, que incluem os aposentados; 2) fim do desconto da previdência aos aposentados; 3) rejeição ao Plano de Carreira de Doria. ■

São Paulo

Denúncia do Comitê de Luta de São Mateus

Anualmente, as subprefeituras de SP abrem um período para coletar propostas da população dos bairros quanto à solução de seus problemas. Esse processo, chamado de “Orçamento Participativo”, foi criado na década de 2000, quando Marta Suplicy foi prefeita pelo PT. Logo de início, a Corrente Proletária denunciou a farsa do “Orçamento Participativo”, porque a decisão de qualquer problema estava nas mãos do governante e dos recursos a ele destinado. Portanto, era uma forma de submeter os “Conselhos Populares” à política da administração petista e ao eleitoralismo.

Os velhos problemas dos bairros operários se avolumaram: alagamentos, enchentes, falta de moradia, vagas nas escolas e hospitais, aumento de impostos, etc. Ao mesmo tempo, os prefeitos cortaram recursos aos serviços essenciais, o que atingiu em cheio os bairros pobres. Nesses dois anos de Pandemia, o governo aprimorou essa charlatanice do Orçamento Participativo. As Subprefeituras têm procurado coletar as propostas das regiões, através dos questionários online.

Na região de São Mateus, onde falta todo tipo de infraestrutura, ficou evidente também o descrédito, por parte da po-

pulação, em relação ao “Orçamento Participativo”. Nem mesmo um simples CRAs, que foi a proposta vencedora por 3 anos consecutivos, foi construído no Jd. São Rafael; nem o odor do Aterro Sanitário foi minimizado; nem a poluição do polo Petroquímico foi reduzida. O morro do Cruzeiro continua sendo devastado. Os eleitores da região, junto com vereadores petistas e psolistas, que vinham cobrando providências por parte da prefeitura, diante da resposta negativa, se calam.

Essa experiência negativa deve servir para a organização da luta nos bairros, que não deve se restringir aos problemas de infraestrutura, mas sim vinculá-los com a luta geral pelo emprego, salário e direitos trabalhistas. Luta que só pode ser pela ação coletiva dos moradores, e com os métodos próprios dos explorados: manifestações, paralisações e bloqueios. É nesse sentido que a Corrente Proletária vem intervindo no Comitê de Luta no bairro, e denunciando a farsa do “Orçamento Participativo” e o eleitoralismo dos partidos burgueses e pequeno-burgueses.

Lutemos por um programa próprio de reivindicações dos explorados ■

Escute o Massas, podcast do Partido Operário Revolucionário

ACESSE O NOSSO CANAL:

anchor.fm/por-massas

(Através desse link, é possível acessar outras plataformas, como o Spotify)

No podcast Massas, você ouve episódios sobre a conjuntura nacional e internacional, e sobre as manifestações da luta de classes, além de ouvir a cobertura das atividades e atos políticos presenciais realizados pelo POR, dentre outros episódios.



**PARTIDO OPERÁRIO
REVOLUCIONÁRIO**

Derrubar, e não “revisar” a reforma trabalhista

As direções das centrais sindicais fazem campanha pela “revisão” da reforma trabalhista de Temer. Dizem que a “revisão” se deve ao fato de a reforma trabalhista ter cortado mais de 100 pontos da CLT, de não ter cumprido a promessa de garantir 6 milhões de empregos, e de não reduzir a informalidade. Dessa forma, a reforma trabalhista teria de passar por uma “revisão”, para garantir “empregos decentes, recuperar direitos e salários dignos”. Apoiam, assim, na decisão do governo espanhol, de convocar os capitalistas e dirigentes sindicais para fazer a “revisão” da reforma

trabalhista no país.

Diante do enorme descontentamento dos trabalhadores com as consequências da reforma trabalhista, os burocratas sindicais querem que Lula assuma o compromisso de seguir os passos da Espanha. Ou seja, que convoque os empresários e os dirigentes sindicais para “revisar” um ou outro aspecto da violenta reforma imposta por Temer, a exemplo do trabalho intermitente, a informalidade e o imposto sindical. Querem, com isso, ganhar os votos das massas exploradas para a eleição de Lula. E sabem, de antemão, que Lula não anulará a

reforma trabalhista. Isso por que o governo de Lula, se eleito, estará ancorado pelos capitalistas e pelas multinacionais, e nada fará para dificultar a sua governabilidade.

A classe operária e os demais explorados devem se colocar pela derrubada da reforma trabalhista de Temer e da previdenciária de Bolsonaro. O que significa enfrentar os capitalistas e o governo de plantão. Devem, portanto, combater a política de conciliação de classes das burocracias sindicais, e se colocar pelos métodos da luta de classes, greves, manifestações, bloqueios.

REAJUSTES ABAIXO DA INFLAÇÃO OFICIAL Crescimento da fome e miséria

A maioria dos reajustes no primeiro trimestre desse ano continua sendo abaixo da inflação. Segundo o Dieese, cerca de 52% dos 231 reajustes de março não atingiu a inflação de 10,8%. Se se levar em conta o aumento dos preços dos produtos necessários para a família trabalhadora, o reajuste de 10,8% não cobre a enorme elevação do custo de vida. O valor da cesta-básica, nos últimos 12 meses, subiu em todas as capitais do país, 11,99%, em Aracaju, a 29,44%, em Campo Grande. Em São Paulo, para adquirir uma cesta-básica, é preciso desembolsar R\$ 761,19, e R\$ 750,71, no Rio de Janeiro, para citar apenas dois exemplos. Ocorre que o salário mínimo é de R\$ 1.212,00. Pelos cálculos do Dieese, para a manutenção de uma família de 4 pessoas, seria preciso um salário de R\$ 6.394,76, ou 5,28 vezes o mínimo do governo.

Não por acaso, dia-a-dia vem crescendo a fome a miséria em todo o país. O desemprego, subemprego e elevação

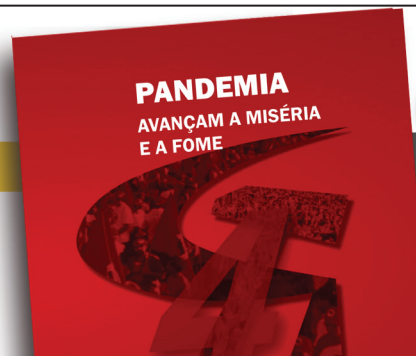
do custo de vida empurram milhões de pessoas à pobreza. Por outro lado, não se vê nenhuma ação das direções sindicais e políticas, no sentido de organização a luta dos explorados. O que se vê são os discursos eleitoreiros, que se limitam a narrar a desgraça dos trabalhadores e dos moradores de rua, a exemplo do que ocorre nesse 1º de Maio. O que se vê são os acordos de reajustes salariais abaixo da inflação, de demissão e de quebra de conquistas trabalhistas. Isso acontece porque a classe operária e os demais explorados se encontram desorganizados e submetidos à política de conciliação de classes das direções sindicais. Combater essa política pró-patronal das direções sindicais implica trabalhar para constituir as oposições classistas e de luta, desde as fábricas, e em defesa um programa de reivindicações vitais. Essa é a tarefa imediata da vanguarda com consciência de classe.

Publicado o livro:

PANDEMIA

AVANÇAM A MISÉRIA E A FOME

“ A classe operária, desorganizada e estilhaçada mundial e nacionalmente pela crise de direção, se sujeita à política pandêmica, que aterroriza as massas, com a campanha orquestrada internacionalmente pelo imperialismo, e executada nacionalmente pelos Estados. Sem o seu partido e sem uma vanguarda internacional com elevada consciência de classe, e capaz de desenvolver o programa da revolução proletária, os explorados ficam à mercê das respostas burguesas à crise econômica e pandêmica.



R\$ 40

ADQUIRA COM NOSSO DISTRIBUIDOR

Milite no POR, um partido de quadros, marxista-leninista-trotskista. Discuta nosso programa.

nossa.classe@hotmail.com - www.pormassas.org - fb.com/massas.por - anchor.fm/por-massas / ☎ (11) 95446-2020

Crise institucional Sobre as urnas eletrônicas

Na manifestação de 7 de setembro do ano passado, Bolsonaro discursou atacando os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), e concluiu afirmando que poderia desrespeitar suas decisões. Se assim o fizesse, teria de caminhar para um golpe de Estado. Mas as condições sociais e políticas não estavam dadas. Seria uma aventura que, provavelmente, não contaria com as Forças Armadas. Poucos dias depois, o presidente voltou atrás, aconselhado por Michel Temer. Agora, mostra-se desesperado diante da possibilidade de perder as eleições para Lula e o PT.

Como perdeu no Congresso Nacional o projeto de mudança do voto eletrônico para o voto impresso, Bolsonaro voltou à carga com uma nova versão: entregar aos militares a vigilância da apuração. Segundo seu pronunciamento, a sala secreta de apuração do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) seria vigiada por uma apuração paralela pelos computadores das Forças Armadas.

Esse conflito mostra a que ponto atingiu a decomposição das instituições do Estado, e, portanto, da democracia burguesa. Eis por que se chegou a especular, na imprensa, se Bolsonaro não estaria preparando uma reação golpista, caso perca as eleições. Também nesse caso, tudo indica, nas condições políticas atuais, que seria um golpe aventureiro.

Desavença em torno ao meliante Daniel Silveira

O STF condenou o deputado bolsonarista a 8 anos e 9 meses de prisão, e cassação de seu mandato parlamentar, por ter ameaçado juízes e, segundo a interpretação da Corte, a própria democracia. Daniel Silveira é um ultradireitista que fez carreira política seguindo a ascensão de Bolsonaro. Nos embates do presidente com a STF, que deram lugar às mobilizações dos bolsonaristas em frente ao Palácio do Governo, chegou a levantar a bandeira de fechamento da Suprema Corte. Silveira, em vídeo, deu expressão a essa investida reacionária da ultradireita fascizante.

A Procuradoria Geral da República (PGR) entrou com uma ação penal, o que permitiu ao STF julgar e condenar o réu. Silveira resolveu não se entregar, e acabou criando um fato político no Congresso Nacional, ao não se sujeitar à Polícia Federal, para que se mantivesse com a tornozeleira eletrônica.

Bolsonaro, finalmente, emitiu um indulto ao meliante, anulando a decisão do STF. Como se trata de uma prerrogativa do presidente, Silveira está livre. Estabeleceu-se, no entanto, a discussão sobre se a Suprema Corte pode ou não cassar mandato parlamentar, ou se se trata de uma atribuição apenas do Congresso Nacional, afinal, Silveira foi eleito pelo voto popular. Os presidentes do Senado e da Câmara acertaram com o Supremo uma forma de arrefecer o conflito. O indulto presidencial tem de ser acatado. Mas a decisão dos ministros do STF, de tornar inelegível Silveira, não estava anulada. Desavença como essa entre os poderes do Estado reflete os traços caricaturais da democracia burguesa, típica de países semicoloniais.

Bolsonaro somente chegou à presidência como parte do processo de derrubada do governo de Dilma Rousseff, portanto, de um golpe institucional. E depois do país ser governado por um governo de transição, cuja característica foi de ditadura civil. Os governos Temer e Bolsonaro realizaram um ataque brutal às antigas conquistas trabalhista e previdenciária da classe operária. O desemprego e miséria se elevaram. Essa violência da classe capitalista contra as

massas se passou e se passa sob a caricatura de democracia.

A burocracia sindical e as direções políticas reformistas colaboraram com os governos golpistas e com as instituições reacionárias do Estado burguês, que inclui o STF, ao renunciarem à luta por um programa próprio dos explorados, e se submeterem à estratégia de substituir um governo burguês por outro.

A luta do POR contra o governo ditatorial e fascizante de Bolsonaro é guiada pela estratégia da revolução e ditadura proletárias, e pela constituição de um governo operário e camponês, assentado na democracia das massas oprimidas.

Resposta operária à crise política

Desde a recessão de 2015 e o golpe de 2016, a crise política se aprofundou, em vez de arrefecer, como apregoaram as forças que encarnaram o movimento do impeachment. A direita e ultradireita burguesas responsabilizaram os governos do PT, principalmente, o de Dilma Rousseff, pelos desequilíbrios financeiros e fiscais do País. Foram buscar as fontes da corrupção, para potenciar a crise política, arrastar a classe média, e derrubar o governo eleito. Temer somente se livrou das comprovadas denúncias de corrupção porque tinha o Congresso Nacional em suas mãos. E Bolsonaro, com sua família e evangélicos, se mostra como o corrupto dos corruptos, cujos filhos estão vinculados às milícias do Rio de Janeiro. É sobre esse lamaçal que se processa a continuidade da crise política, que, no momento, se agudiza, devido à disputa eleitoral, com Lula à frente, liderando as pesquisas.

Estamos às vésperas do 1º de Maio, e as centrais e direções reformistas se utilizam dos choques institucionais para comparecerem como arautos da democracia, que estaria assegurada com a eleição de Lula. Passam, assim, uma borracha no fato de que o PT foi destituído do poder por meio de um golpe, e se mostrou incapaz de organizar os explorados para derrotar as forças golpistas. Lula se entregou. Esperou o momento de ser libertado. Precisamente quando o governo de Bolsonaro afundava, responsabilizado pelo “negacionismo” diante da Pandemia.

A subserviência de como o PT e Lula se submeteram ao golpe de Estado é suficiente para demonstrar que jamais procurarão se apoiar nas massas para quebrar a espinha dorsal das forças direitistas e ultradireitistas. A democracia é um instrumento de dominação da burguesia. A classe operária luta contra a sua liquidação pelo fascismo, tendo por objetivo a tomada do poder pela via revolucionária, e não para conservá-la. Os reformistas tudo fazem para enganar a classe operária e a maioria oprimida de que, por meio da democracia, é possível resolver as desigualdades sociais, e acabar com a miséria e a fome. No momento, estão nessa empreitada em torno à candidatura de Lula.

A resposta da classe operária segue precisamente o caminho contrário. As divisões interburguesas favorecem os explorados, caso seus sindicatos aproveitem para pôr em marcha um movimento nacional pelas reivindicações mais sentidas dos explorados.

O POR vem fazendo uma campanha por um Dia Nacional de Lutas, com paralisações, manifestações e bloqueios em defesa dos empregos, salários e direitos trabalhistas, bem como pela preparação de uma greve geral. É por meio da ação direta e da organização independente, que o proletariado erguerá e fortalecerá a sua democracia de classe.

Rio Grande do Norte

Acordo entre PT e o oligarca Garibaldi Alves

O PT tem se esmerado em atrair o MDB para o apoio à candidatura Lula, já no primeiro turno. No Rio Grande do Norte, a chapa para reeleição da petista Fátima Bezerra contará, como vice, com o emedebista Walter Alves, filho do oligarca Garibaldi Alves. Lula, Garibaldi, Walter e Eunício de Oliveira selaram o acordo em 11 de abril, deixando que Fátima Bezerra o oficializasse no dia 28. Dos nove estados que compõem a região Nordeste, o Rio Grande do Norte é o sétimo a ter uma aliança entre o PT e o MDB. Restam ainda o Ceará e Sergipe, que estão em processo de discussão.

Os acordos entre o PT e o MDB são determinados a partir da cúpula desses partidos. A governadora Fátima Bezerra, e seu vice Antenor Roberto, tinham em mente a reedição da chapa PT e PCdoB, de 2018. Mas, desde agosto do ano passado, Lula, Fátima Bezerra e Garibaldi iniciaram as articulações da chapa para o governo estadual. Lula convenceu a petista Fátima de que a sua reeleição dependia de um acordo com o MDB, e não de uma “chapa de esquerda”, portanto, com o

PCdoB. O PT trabalhou pela divisão do MDB, e contou com o apoio de oligarcas nordestinos. Por sua vez, a cúpula do MDB lançou a candidatura da senadora Simone Tebet à presidente da República.

Essas manobras são próprias dos partidos burgueses. O PT e PCdoB há muito usam esse expediente da política burguesa. Por isso, o PCdoB, que foi descartado da chapa com o PT para o governo do estado, aceita a decisão de disputar a suplência de senador ou deputado federal. Como se vê, esse é apenas um pequeno retrato das eleições burguesas, onde tudo é barganhado entre os caciques dos partidos.

Para a direção do PT, não interessa o fato do MDB ter encabeçado o golpe de Estado, que derrubou o governo Dilma Rousseff, em 2016. O que interessa é o apoio de uma parcela desse partido para que Lula retome a presidência da República. Assim, caciques, como Roberto Requião, Renan Calheiros, Garibaldi e outros, são decisivos, não só para a vitória de Lula, mas também para assegurar sua governabilidade.

PSOL, EM FRANCA DECOMPOSIÇÃO

No último dia 18 de abril, o PSOL, através de seu diretório nacional, ratificou, por 38 votos a 23, a formalização da construção de uma federação partidária com a Rede Sustentabilidade pelos próximos quatro anos. A federação partidária é um meio eleitoral criado em 2021, que permite a união de partidos sob um mesmo estatuto, com pontos programáticos em comum, e tutelados pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), com duração mínima de quatro anos, em substituição à famigerada coligação partidária proporcional, que valia apenas durante o processo eleitoral. Em suma, constituir uma federação partidária, na prática, implica estabelecer um novo programa, estatuto e direção com outros partidos por um período de 4 anos.

Será a primeira vez que o PSOL não vai ter candidatura própria à presidência da República. Dessa forma, o PSOL se rebaixa ainda mais, rendendo-se à estratégia do “malmenor” contra Bolsonaro.

A justificativa do PSOL, para a formação desta federação, é a de fugir da cláusula de barreira, (que exige a conquista de pelo menos 2% dos votos válidos em 9 Estados, ou eleger 11 deputados federais em 9 Estados) e não ficar sem fundo partidário e sem tempo de TV e rádio.

O PSOL foi fundado durante o primeiro governo Lula de uma ruptura com o PT, no entanto, com a lógica de refazer a estratégia de construir um partido reformista eleitoral como o PT, porém “sem os erros do PT”. É composto por um ajuntamento de tendências social-democratas de direita e de esquerda, que controla ou tem influência em algumas dezenas de sindicatos. Além disso, abriga, sob seu guarda-chuva, organizações que se reivindicam do marxismo, como a Esquerda

Marxista, MES, CST, Comuna etc.

Além dessa guinada mais à direita, com a construção da federação com a Rede, o PSOL já havia declarado apoio à chapa Lula-Alckmin. Será a primeira vez que o PSOL não vai ter candidatura própria à presidência da República. Dessa forma, o PSOL se rebaixa ainda mais, rendendo-se à estratégia do “malmenor” contra Bolsonaro.

O desenvolvimento geral do PSOL, desde sua formação, estava condicionado ao seu conteúdo de classe, pequeno-burguês, às disputas internas entre as muitas correntes, e o curso da crise capitalista. Nestas condições, seu caráter pequeno-burguês, sem uma política própria, oscilante entre a burguesia e o proletariado, se fortaleceu principalmente pela corrente majoritária Primavera Socialista, mas também por correntes como APS, MES, Revolução Solidária, etc., que expressam claramente a defesa da política burguesa, e um afastamento completo do proletariado. Em última instância, esse percurso foi marcado pelo agravamento da crise capitalista, que, no último período, com a ascensão das tendências fascizantes no poder do Estado, empurrou o partido mais rapidamente para a defesa explícita de uma política burguesa opositora. A Federação e o apoio ao PT não são pontos de virada, mas apenas uma etapa na decomposição deste partido, que agora segue sob novas condições. Cabe a pergunta, se as correntes internas que se reivindicam do marxismo vão se manter neste partido sob tais novas condições.

O POR se dirige à vanguarda que ainda se reivindica do marxismo a romper com esse partido pequeno burguês e passar a integrar as fileiras pela construção de um programa revolucionário, com independência de classe. As condições da crise capitalista impõem uma posição resoluta e definitiva da militância que se coloca pela luta revolucionária do proletariado.

Lula em Heliópolis: rechaçar a política de conciliação de classes e o eleitoralismo

A UNAS (União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região) organizou, no dia 21 de abril, um evento para que a juventude de Heliópolis ouvisse o discurso dos petistas. Lula, Haddad, Gleisi Hoffmann e Mercadante foram à maior favela de São Paulo, dizer aos jovens que tirem seu título de eleitor. Esse caráter eleitoral é parte da campanha dos reformistas e estalinistas, direcionada aos jovens, para alimentar a ilusão nas eleições burguesas. Não coincidentemente, compareceu apenas o PT, sem nenhum dos seus aliados eleitorais à presidência.

O caráter geral do evento

Em seu discurso, Haddad ressaltou o papel da UNAS, como entidade de “exigência ao poder público”, ou seja, de concretizar a tese reformista de que as entidades “da sociedade civil” devem participar das decisões junto às instituições políticas da burguesia, em especial do legislativo. A experiência dos próprios governos petistas demonstra que a “participação da sociedade civil no poder público” nada mais é do que, quando muito, “dar palpite”, sem qualquer poder de decisão.

Como um evento voltado à juventude, muito palavreado foi gasto em torno da Educação. Alguns estudantes discursaram sobre como só conseguiram entrar em uma universidade pública, graças ao apoio assistencialista dado pela entidade e aos programas criados pelos governos petistas. Haddad chegou a falar em uma “revolução silenciosa”, quando se referia à suposta democratização do acesso ao ensino superior por meio do PROUNI e SISU. Em nenhum momento, se colocou o acesso de todos à universidade. Ocultou-se que a maioria está excluída desse nível de ensino. Ocultou-se, também, sobre os cortes na Educação, as vagas sucateadas do REUNI e como o PROUNI serviu para agigantar com dinheiro público o ensino superior privado. Haddad falou do CEU (Centro Educacional Unificado) de Heliópolis, mas ignorou a realidade da maioria das escolas superlotadas e sem infraestrutura.

Gleisi Hoffmann, presidente nacional do PT, repetiu que os jovens têm de tirar o título de eleitor. Aloízio Mercadante disse que participou da construção da quadra onde se realizou o evento, e finalizou dizendo “chega de discurso, vamos ouvir o Lula”.

O discurso do Lula

Lula iniciou sua fala com a campanha para que os jovens tirem o título de eleitor. Em seguida, passou sua história de vida sobre os tempos que em vivia na região como um operário pobre e a falar de futebol. Depois de se autoelogiar sobre sua carreira política, aconselhou os jovens de que sua “luta” era tirar o título de eleitor, considerando que era uma conquista, poder votar aos 16 anos.

A juventude oprimida deve rejeitar a política eleitoral e de conciliação de classes: nenhuma ilusão na eleição burguesa! Deve combater todo discurso burguês que culpabiliza o jovem pela miséria e condena a luta de classes. A miséria das massas é de responsabilidade da burguesia e seu sistema econômico capitalista apodrecido!

Passou então a um discurso individualizante, responsabilizando especialmente os jovens por sua “falta de disposição”, por sua não participação – nas eleições, é claro. Dizia que o indivíduo que acreditava que “todos os políticos são ladrões” deveria passar a ser ele próprio uma pessoa política. Discurso esse que tem um objetivo bem claro: alimentar as ilusões nas instituições burguesas, e reforçar a importância de votar nos indivíduos que prometem mudança, nesse caso, os petistas.

Em tom eleitoral, condenou Bolsonaro, por só falar de ódio e fake news, fazer motociata, sem preocupar-se com o emprego, Educação, Cultura e escola técnica. Reclamou do fato de Bolsonaro nunca ter recebido a CUT, a UNE e os sindicatos. Disse que era preciso distribuir livros, e não armas; defender o amor, não o ódio. Esse pacifismo é típico do político burguês que combate a luta de classes. Como não poderia deixar de ser, Lula se apresentou como aquele que iria garantir “igualdade de oportunidades” à juventude. O desemprego, as di-

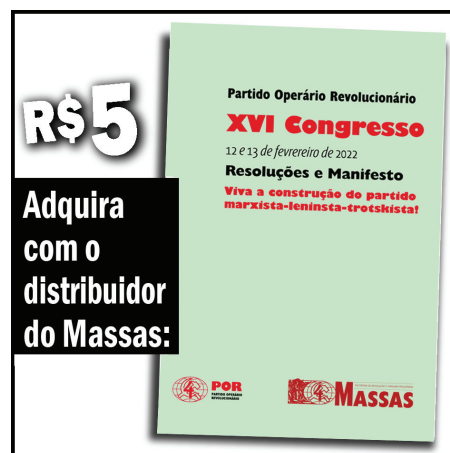
ferenciações salariais e as discriminações raciais são consequências estruturais do regime capitalista de exploração do trabalho e acumulação de capital.

As tarefas da juventude

A juventude oprimida deve rejeitar a política eleitoral e de conciliação de classes: nenhuma ilusão na eleição burguesa! Deve combater todo discurso burguês que culpabiliza o jovem pela miséria e condena a luta de classes. A miséria das massas é de responsabilidade da burguesia e seu sistema econômico capitalista apodrecido!

A carestia vem piorando as condições de vida da juventude proletária e sua família. Os jovens sofrem com as escolas precárias e não têm perspectiva de

emprego. Quando empregado, o salário é miserável. Muitos estão fora das escolas, e submetidos ao trabalho informal. É preciso defender as reivindicações mais sentidas da juventude, como o acesso universal a todos em todos os níveis de ensino, o emprego, os salários e os direitos. Somente através da luta de classes, com os métodos próprios do proletariado, e com independência de classe, é que será possível combater a barbárie capitalista e conquistar as reivindicações mais sentidas das massas proletárias.



Nesta edição:

- CERQUI: *Manifesto* - Por um 1º de Maio classista e internacionalista / *Manifesto* - Dois meses de guerra / Seminário do CERQUI - Ucrânia - 12 de março de 2022.
- 70 anos da Revolução de 1952: *Guilherme Lora* A Revolução de 9 de abril de 1952, a COB e a Guerra Camponesa / *Argentina* - 70 anos da Revolução Boliviana de 1952.
- *Argentina*: Agrava-se a crise política.
- *França*: Macron reeleito, mas a direita se fortalece / Impotência e subserviência da esquerda.

**Artigos das Seções
Comitê de Enlace
pela Reconstrução
da IV Internacional****Manifesto do CERQUI****Comitê de Enlace pela Reconstrução
da IV Internacional****28 de abril de 2022****Por um 1º de Maio classista e internacionalista
A classe operária deve reconquistar sua independência política**

Lutar pelo seu próprio poder junto à maioria oprimida, para acabar com a opressão imperialista, para colocar os meios de produção a seu serviço

O capitalismo em completa decomposição nos afunda na miséria, no desemprego, nas migrações, na precarização salarial, na perda constante de direitos e na guerra! Não foi capaz de defender a vida humana diante da terrível Pandemia. Sua sobrevivência nos condena à barbárie.

O capitalismo está nos afundando na barbárie. Os desempregados e subempregados são milhões, assim como os famintos, os pobres, os migrantes. A Pandemia agravou a situação, e custou mais de 6 milhões de vidas, e agora a guerra na Ucrânia ameaça transformar-se em uma nova guerra mundial, com suas consequências devastadoras. Suas consequências sobre as condições de vida já são descarregadas sobre nossos ombros.

A decomposição capitalista não para, e a guerra comercial promovida pelos EUA se transforma em guerra bélica. Somente a classe operária, com sua política, pode parar este desastre, com seus próprios métodos de luta, com suas organizações, dirigindo os oprimidos. É hora de acabar com a paralisia das direções sindicais, de romper com sua política conciliadora com os governos e os patrões.

Também é hora de as organizações que se reivindicam da classe operária revivam o internacionalismo, as bandeiras da independência política, que abandonem o pacifismo, e sua subordinação ao democratismo burguês. As ilusões nas vias parlamentares, eleitorais, constituintes desviam e dividem os combatentes, e levam a novas frustrações, seja no Chile, Colômbia, Peru, Equador, Brasil ou Argentina.

Devemos discutir como tomar em nossas mãos essa luta. Não esperemos que os burocratas ou reformistas mudem suas políticas, temos de lhes impor um curso de ação.

É imperativo preparar uma luta generalizada de todos os trabalhadores, pelo salário e aposentadoria suficientes, para cobrir o custo de vida, para acabar com o desemprego e a precarização do trabalho; por Moradia, Saúde e Educação públicas.

E também a luta para acabar com o saque aos nossos países, de nossos recursos. Como já foi demonstrado na história, é a classe operária quem deve dirigir a luta anti-imperialista, pelo não pagamento da dívida externa e interna, pela ruptura com o capital financeiro e seus planos, pela estatização do setor bancário e comércio exterior, pela expropriação do latifúndio; pela estatização dos setores vitais da economia, que estão nas mãos do grande capital e das multinacionais.

Devemos dizer que a solução das tarefas nacionais e democráticas somente pode ser cumprida pela classe operária no poder, junto com a maioria oprimida. Não há outra forma de transformar a economia, e colocá-la a nosso serviço. Não há meios-termos. A burguesia é uma classe antinacional, nada se deve esperar dela e de seu regime. Este regime de ditadura do capital não acabará por meio de eleições e constituintes. O caminho é a revolução social.

Os partidos e movimentos nacionais reformistas, burgueses ou pequeno-burgueses, mostram sua covardia e incapacidade de enfrentar o que chamam de modelo neoliberal. Estão de joelhos diante do capital financeiro, oferecem colaboração e

cooperação. Sua prostração é definitiva.

A classe operária vive o drama da debilidade ou inexistência da direção revolucionária, que esteja à altura das necessidades históricas, e que expresse politicamente a rebelião das massas, que procurem abrir caminho, apesar de todas as dificuldades e bloqueios. O caminho para resolver as reivindicações e recuperar os direitos é a da ação direta das massas, é o de confiar em seus próprios métodos de luta, em sua própria organização desde as bases, constituir a direção revolucionária, com a certeza de que o capitalismo não pode ser reformado.

É necessário que a vanguarda com consciência de classe realize o balanço das frustrações com sua direção, desde a falência da social-democracia, que no início do século passado passou para o terreno do imperialismo, até a traição do estalinismo contrarrevolucionário, que levou ao colapso da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), e um avançado processo de restauração capitalista, onde os meios de produção tinham sido socializados, destruindo o partido bolchevique, acabando com os soviets, dissolvendo a Terceira Internacional, perseguindo e liquidando grande parte da vanguarda que dirigiu a Grande Revolução de 1917. As políticas do estalinismo levaram a frustrações e derrotas em todo o mundo, em nome da “coexistência pacífica com o imperialismo” ao qual consideravam “democrático”; o respeito à partilha do mundo, acordado no final da Segunda Guerra Mundial; a política de organização das frentes populares com a burguesia; sua concepção etapista da revolução; etc. Hoje, estão integrados e colaborando estreitamente com os governos burgueses.

E também devemos fazer um balanço do lugar da Quarta Internacional, que não teve como cumprir o papel de direção revolucionária internacional, devido às correntes revisionistas que assumiram seu comando. Um balanço desde aqueles que chamaram a vanguarda a ingressar nos partidos comunistas ou nos movimentos nacionalistas burgueses nos anos 1950; desde aqueles que se entusiasmaram com o foquismo nos anos 1960 e 1970, acreditando que havia um caminho rápido para tomar o poder, e aqueles que agora se democratizam abertamente.

Esse balanço é necessário para poder reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista, sobre as bases programáticas alicerçadas em 170 anos de luta consciente para transformar a sociedade, desde o Manifesto Comunista. Estabelecendo partidos “bolcheviques”, verdadeiramente comunistas, em cada país, sob a estratégia de revolução e ditadura do proletariado, construindo seu programa. Essa é a luta que temos travado desde o Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (Cerqui), sobre a base dos princípios do marxismo-leninismo-trotskismo.

Neste 1º de Maio, levamos as bandeiras do FIM DA GUERRA. Desmantelamento das bases militares da Otan e dos EUA

não quer nenhum acordo de paz. Não às sanções econômicas e financeiras contra a Rússia!; Pela retirada das tropas russas da Ucrânia! Não é por essa via de opressão e da intervenção militar que a Rússia deve ser defendida; Pela autodeterminação da Ucrânia e pela integralidade do seu território, rechaçando que a solução passe por sua fragmentação. Existe um perigo real de que a guerra se espalhe ao longo do tempo e regionalmente, com mais mortes, migrações, destruição de fábricas, pontes, estradas, casas. Além disso, as consequências da guerra já estão sendo sentidas na economia, principalmente com o aumento da inflação, que corrói o valor do salário. É urgente pôr fim à guerra desencadeada pela OTAN!

O imperialismo procura destruir o que resta da propriedade nacionalizada, apoderar-se dos enormes recursos que a Rússia possui, desarmar seu poder militar, fechar definitivamente a etapa que se abriu com a Revolução Russa. Mas seu objetivo mais importante é a China, que disputa sua hegemonia no mundo, que tem de enfrentar a todo custo.

Essas bandeiras serão conquistadas por meio da luta unitária da classe operária russa, ucraniana e europeia. Essas bandeiras devem ser erguidas como parte de uma campanha pelo FIM da GUERRA. Não se trata de tomar uma ou outra consigna isolada, pois, é um conjunto de medidas para unificar a luta.

O imperialismo procura destruir o que resta da propriedade nacionalizada, apoderar-se dos enormes recursos que a Rússia possui, desarmar seu poder militar, fechar definitivamente a etapa que se abriu com a Revolução Russa. Mas seu objetivo mais importante é a China, que disputa sua hegemonia no mundo, que tem de enfrentar a todo custo.

A classe operária internacional deve intervir para derrotar o belicismo do capitalismo em decomposição, que pode causar uma nova guerra mundial, uma terrível destruição das forças produtivas, empurrando-nos mais rapidamente à barbárie.

***Pelo fim imediato da guerra!
Socialismo ou barbárie capitalista!
Viva a revolução e a ditadura proletárias!
Viva o comunismo!
Edifiquemos o Partido Mundial da Revolução Socialista!***

PÔR EM PÉ O PARTIDO MUNDIAL DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA RECONSTRUIR A IV INTERNACIONAL



R\$ 35

ADQUIRA COM NOSSO DISTRIBUIDOR DE MASSAS



Manifesto do CERQUI

Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional

26 de abril de 2022

Aos trabalhadores e à juventude oprimida

Dois meses de guerra

Estados Unidos recrudescem a ofensiva contra a Rússia Somente a classe operária em luta pode enfrentar o imperialismo e a barbárie

O CERQUI denunciou que os Estados Unidos mostraram claro interesse em bloquear um acordo de paz e prolongar a guerra o máximo possível. A concentração de forças na região de Donbass, o afundamento do portentoso navio “Moskva”, da frota do Mar Negro e o abastecimento constante de armamentos sofisticados indicaram dificuldades da Rússia em derrotar a resistência da Ucrânia. Qualquer motivo é utilizado para não se chegar a um acordo. É o que demonstrou o recente encontro entre António Guterres, secretário-geral da ONU, e Vladimir Putin, presidente da Rússia.

O imperialismo norte-americano, que dirige os passos do governo Zelenski, vem sustentado a continuidade da guerra com uma vasta campanha mundial de isolamento da Rússia e esmagamento econômico; bem como farto financiamento, envio de armas e instrução aos militares ucranianos. Quanto mais durar a guerra, quanto maior for a destruição material e de vidas, mais as forças russas serão atingidas e enfraquecidas. O prolongamento da guerra agrava a situação econômica na Europa e em todo o mundo. Empresários da indústria pesada e sindicatos da Alemanha pediram ao governo que detivesse a guerra e não avançasse com as sanções, uma vez que podem causar danos à economia, que levariam muito tempo para reparar.

Os Estados Unidos e a sua aliança europeia não precisaram, até o momento, intervir diretamente. A estratégia de aguardar os impasses da guerra e apoiar-se na capacidade de resistência das forças ucranianas, estão dando ao imperialismo frutos. Biden avalia que se tornou possível assegurar uma posição de superioridade de Zelenski nas negociações, de maneira a não aceitar o controle russo sobre a região de Donbass. Porta-vozes do governo norte-americano afirmam ser possível uma derrota da Rússia. Ainda que não seja esse o resultado do desfecho da guerra, o imperialismo conta com um enfraquecimento econômico e militar da Rússia.

A decisão de Biden de enviar armas de maior poder de destruição – como tanques, mísseis, caças-bombardeiros e drones – corresponde a uma fase de agudização da guerra, cujo perigo de se estender para além das fronteiras da Ucrânia e da Rússia está posto. É sintomático que o Pentágono tenha se reunido com os capitães da indústria militar – entre eles, a Lockheed

Martin Corp e Rayton Co – para fornecer prontamente os armamentos que abastecerão as Forças Armadas da Ucrânia. Cumpre-se uma velha exigência dos Estados Unidos para que a Europa arque com os custos da OTAN e aumente seus orçamentos militares. A escalada armamentista se amplia em meio à guerra, e deve continuar tendo impulso no próximo período em que a guerra comercial dos Estados Unidos contra a China, há algum tempo em curso, deverá ser mais ofensiva.

O esgotamento da partilha do mundo na Segunda Guerra, a superprodução e o agigantamento do parasitismo financeiro vêm gestando um quadro de confronto entre nações, que se assemelha a uma situação de pré-guerra mundial. A conflagração na Ucrânia foi e está sendo impulsionada e potenciada pelo intervencionismo norte-americano, que conta com a OTAN como um braço armado europeu e mundial. Os Estados Unidos já despejaram US\$ 2,6 bilhões em armamentos, e, agora, Biden elevou para US\$ 3,7 bilhões. A União Europeia contribuiu com US\$ 1,6 bilhão. Bastam esses dados oficiais para se constatar o empenho do imperialismo, para levar às últimas consequências a diretriz de fazer da Ucrânia bucha de canhão, diante de uma Rússia desesperada com o avanço do cerco militar da OTAN e a crescente perda de controle das ex-repúblicas soviéticas. A reunião do Secretário de Estado dos EUA, Antony Bliden, e do chefe do Pentágono, Lloyd Austin, com Zelenski, em solo ucraniano, foi um gesto de apoio à continuidade da guerra e de descarte das negociações de um acordo imediato.

No momento em que a guerra cumpre dois meses, a meta do Pentágono é a de exaurir o máximo possível a capacidade econômica e militar da Rússia. É certo que a Rússia esteja pagando caro pela guerra. O seu prolongamento aumentará o peso das perdas humanas e militares, que acabarão se tornando um fator de crise política no interior da Rússia. O imperialismo espera que haja uma cisão na oligarquia que ampara o governo Putin desde antes da guerra, e se destampem pressões da pequena-burguesia. A Europa também está pagando caro pela guerra, cuja economia está ficando mais debilitada.

A intensificação dos bombardeios e a desarticulação da resistência em Donbass - cujo dramático sintoma tem sido o cerco russo ao complexo de siderurgia-metalurgia Azovstal de Ma-

riupol e a exigência de rendição da 36ª infantaria e do batalhão Azov, originado de grupos paramilitares fascistas - têm pendido a favor da Rússia. Tudo indica, porém, que, se as forças russas não controlarem rapidamente Donbass, a chegada de sofisticados armamentos poderá dificultar ainda mais a Putin anexar a região. É o que os Estados Unidos esperam ocorrer.

As manifestações de classe média na Europa Ocidental contra a Rússia não prosperaram. É bem provável que os governos não estão sentindo a necessidade de mobilizações, que poderiam abrir caminho para manifestações contrárias aos Estados Unidos e à OTAN. A guerra e as sanções econômico-financeiras já atingem a pequena e lenta recuperação, após a queda causada pelo longo tempo da virulenta pandemia. A elevada inflação tem provocado perdas significativas para os explorados. É bem provável que a classe operária e os demais trabalhadores reagirão mais cedo do que se pode prever. E se depararão com a guerra e suas catastróficas consequências. A combinação da estagnação com a alta inflação alimenta as latentes tendências de revolta entre os trabalhadores.

O fato de não ter sido fácil a reeleição de Emmanuel Macron, na França, neste 24 de abril, preocupou as autoridades da União Europeia, que temiam a vitória da ultradireita nacionalista, representada por Marine Le Pen. Macron vem tendo um papel de destaque na aliança norte-americana. A abstenção no segundo turno foi de 28,2%, 2,8% acima da ocorrida nas eleições de 2017. Macron, portanto, foi reeleito por uma baixa margem de votos, considerando a somatória das abstenções com os votos de Le Pen. Macron obteve 58% dos votos, Le Pen, 42% e abstenções, 28,2%. Seu governo foi marcado por grandes manifestações dos “coletes amarelos” e por greves operárias, que reagiram às contrarreformas trabalhista e previdenciária. A burguesia, em toda a Europa, inevitavelmente, continuará a descarregar a crise econômica e a desintegração do capitalismo sobre as massas, que terão de se movimentar.

Os desastres da pandemia se ligam e se potenciam com os desastres da guerra. Os explorados, desorganizados e atomizados, porém, não têm podido reagir à guerra com seu programa, política e métodos próprios de luta. Mas os bloqueios políticos e ideológicos que impedem o rompimento da inércia ou da quase inércia se chocam com as necessidades mais elementares da classe operária e dos demais explorados. As reivindicações elementares têm tudo para convergir com as bandeiras de luta contra a guerra de dominação, que se desenvolve na Ucrânia. Essa é a via mais provável de combate dos oprimidos contra a burguesia e os seus governos. A ação direta e a organização independente são a condição para a classe operária se colocar pelo fim da guerra, que já dura dois meses, e que, por enquanto, não há perspectiva de acabar.

A crise de direção se mostra de corpo inteiro, diante de uma guerra que assinala uma mudança substantiva nas relações mundiais, determinadas pelas potências, tendo à frente os Estados Unidos. O Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional vem realizando uma campanha sistemática em torno ao conjunto de bandeiras: fim da guerra; desmantelamento da OTAN e das bases militares norte-americanas; revogação das medidas econômico-financeiras contra a Rússia; autodeterminação, integralidade territorial e retirada das tropas russas da Ucrânia. Esse conjunto indecomponível de bandeiras

permite à vanguarda revolucionária lutar pela unificação da classe operária russa, ucraniana, polonesa, de toda a Europa e mundial. Um passo que se dê nesse caminho favorece o trabalho dos marxista-leninista-trotskistas, voltado à superação da crise de direção, que se materializa na luta por reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.

A conflagração na Ucrânia se assenta no capitalismo da fase imperialista de decomposição, que é de guerras, revoluções e contrarrevoluções. Deita suas raízes na destruição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), que se ergueu como uma cidadela mundial da luta de classes e instrumento da transição do capitalismo ao socialismo, iniciada com a Revolução Proletária de Outubro de 1917. Eis por que a Rússia, em fase adiantada de restauração do capitalismo, não pode travar uma guerra de libertação anti-imperialista e anticapitalista, e não pode deixar de exercer a opressão nacional sobre as ex-repúblicas soviéticas. Ao mesmo tempo, a Rússia, enfraquecida com a dissolução da URSS, tem de ceder caminho ao capital financeiro e multinacional. A autodefesa, promovida pelos meios e métodos da opressão nacional, graças à conservação do poderio militar, alcançado pela URSS na Segunda Guerra Mundial, não é capaz de evitar o avanço do cerco imperialista.

Emergem nessas condições de desintegração do capitalismo, de guerras, revoluções e contrarrevoluções, os fundamentos marxistas da revolução mundial e do programa que se sintetiza na estratégia dos Estados Unidos Socialistas da Europa, erguido pela Revolução Russa, pela constituição da URSS e edificação da III Internacional da época de Lênin. Vem à tona, com toda a clareza, o significado contrarrevolucionário do revisionismo estalinista do marxismo-leninismo e a destruição da organização soviética, e a importância histórica da luta liderada por Trotsky contra a expropriação da classe operária pela burocracia termidoriana e do retrocesso histórico imposto nas condições em que a revolução política, concebida pelo marxismo-leninismo-trotskismo, não pôde se concretizar. O avanço da contrarrevolução estalinista corresponde também à derrota de todas as concepções revisionistas que fracassaram: de que era possível “construir o socialismo em um só país, de que havia um “imperialismo democrático”, de que era possível “a coexistência pacífica com esse imperialismo”. A história demonstrou, dramaticamente, que suas políticas levaram à restauração capitalista.

A URSS acabou sendo arrastada pelas forças restauracionistas e sucumbiu. A Rússia não teve outro percurso a fazer senão o de se sujeitar ao capitalismo mundial. Somente a classe operária pode combater essa via destruidora das conquistas históricas da Revolução de Outubro. Baseada na experiência do próprio processo de restauração, do desmoronamento da URSS, das guerras de opressão nacional e da incapacidade da burocracia contrarrevolucionária, vinculada à oligarquia burguesa russa, de conter o cerco e o avanço do imperialismo sobre as ex-repúblicas soviéticas, sobre a base dessa experiência se retomará o programa e as conquistas da revolução socialista. Eis por que é muito importante que a vanguarda compreenda as leis históricas que levaram à guerra na Ucrânia, e lute sob as bandeiras que, de fato, unam a classe operária mundial, e, em particular, a russa, ucraniana e europeia.

Seminário do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI) sobre a Ucrânia, de 12 de março de 2022

Abaixo publicamos a transcrição da exposição de Ariel Román, do POR da Bolívia, no Seminário sobre a guerra na Ucrânia, realizado em 12 de março. No jornal Massas, nº 660, publicamos a exposição de Atilio de Castro e no Massas 661, a de Ramón Basko.

Ariel:

Há um aspecto que atravessa todos os países, no que diz respeito à guerra na Ucrânia, e é o da preocupação dos trabalhadores e demais oprimidos sobre o que se passará, como é que a guerra, suas consequências econômicas e as sanções irão afetá-los. Como é que os trabalhadores e os demais oprimidos vão sofrer as consequências da conflagração, no marco dos interesses das potências que estão em choque neste momento.

Acredito que esta situação e preocupações exigem respostas, procurando saber o que acontece, e como irão agir os trabalhadores para preservar e conservar suas condições de vida e trabalhistas, e obviamente impedir que as emergências da situação acabem por afetá-los. Essa é uma preocupação muito importante, e o ponto de partida para que nós possamos intervir, procurando organizar as massas e recuperar a consciência de classe, organizar o proletariado e os demais trabalhadores, para que possam desenvolver uma política independente do capital, em suas distintas formas, em suas distintas manifestações.

O que se está observando? Como consequência das sanções econômicas da guerra, dispararam os preços do petróleo e gás, o que, imediatamente, tem gerado uma pressão inflacionária no mundo todo.

O que estamos presenciando confirma uma conclusão contida no Programa de Transição, elaborado por Trotsky, e está presente nos clássicos do marxismo: é a ideia de que a humanidade está perante o dilema de acabar com o capitalismo, ou suportar que o capitalismo os empurre a cada vez mais profundos níveis de barbárie. Isto acontece perante nossos olhos.

Outro aspecto que me parece importante ressaltar, que já apontaram Atilio (ver transcrição no Massas 660) e Ramón (Massas 661), é o de compreender este problema no marco do esgotamento da partilha da economia mundial, que vem como resultado da imposição das potências vencedoras da Segunda Guerra Mundial. O que se evidencia é que essa partilha econômica, essa definição de esferas de influência, a exploração que se tem feito dos diferentes países semicoloniais, de diferentes regiões do mundo, já é impossível de se continuar mantendo hoje. Parte desta crise tem sido, indiscutivelmente, o desmembramento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas [URSS], bem como o fato de grande parte dos países do Leste Europeu, dos ex-estados soviéticos, terem sido absorvidos pelos interesses do capital alemão ou do capital norte-americano, quer dizer, das multinacionais que penetraram nesses países para tratar de achar melhores condições de elevar suas taxas de lucro. Ou seja, este cenário, que vem depois da Segunda

Guerra Mundial, determinado pelo relativo crescimento da economia mundial depois da guerra, hoje está esgotado, e já não há mais possibilidades de continuar a sustentar essa partilha, e a pressão dos interesses em choque está apontando, precisamente, como é que o imperialismo irá impor uma nova partilha do mundo.

Não se pode esquecer de que, quando aconteceram os Acordos de Yalta, onde Stalin, Churchill e Roosevelt chegaram à conclusão de como partilhar o mundo, como ficariam as zonas de influência, após a queda da Alemanha nazista, nesse momento, a China era um país atrasado e pobre, não era o que é hoje, uma grande potência econômica como é hoje, e que está reclamando seu espaço, em conflito com a economia norte-americana. É nesse cenário de conjunto, que se coloca a impossibilidade de manter essa partilha mundial, que o imperialismo exige uma nova redistribuição de esferas de influência. E, obviamente, cercar a economia russa é uma questão vital para fazê-lo. Acredito que Putin tem razão, quando disse que “e o que querem de nós? o que não querem é uma Rússia economicamente forte”. E nisto Putin tem razão. A OTAN e o imperialismo têm interesse em cercar à Rússia, visando a fazê-la retroceder na comercialização do gás com a Europa, para que os Estados Unidos possam vender o seu.

Todo este cenário, que se está mostrando e que assinalou Atilio, que explicita o choque das forças produtivas altamente desenvolvidas com as fronteiras nacionais, sendo o contexto no qual está se desenvolvendo o problema tratado. Contexto que devemos compreender, para saber o que está se passando.

Agora, entrando diretamente na análise das questões econômicas, o fato de termos assinalado que as sanções contra a Rússia, não apenas são sanções contra esse país, mas uma agressão ao conjunto da economia mundial, como bem assinalam os documentos do Cerqui, demonstrou-se acertado.

O que se está observando? Como consequência das sanções econômicas da guerra, dispararam os preços do petróleo e gás, o que, imediatamente, tem gerado uma pressão inflacionária no mundo todo. Subiram os preços dos combustíveis, por exemplo, nos Estados Unidos, subiram vertiginosamente, e os preços da gasolina se elevaram às nuvens, e há em todos os países a pressão no mesmo sentido. Depois subiu o preço do trigo, da soja, do milho e de outros produtos alimentícios. O que a seguir passa a pressionar sobre os suprimentos de alimentação de gado e frangos. O preço do frango e carne, portanto, tende a subir. Nos Estados Unidos, por exemplo, a inflação chega quase aos níveis de 1970 e 1973: 7,5% de aumentos dos preços.

Isto me parece muito importante. Porque, como nos ensina a experiência, a inflação é uma carga pesada, que as massas acabam por suportar sobre seus ombros. Porque os preços sobem, os salários ficam congelados ou não compensam o nível de inflação alcançado, e, obviamente, os trabalhadores e suas

famílias vão ver suas condições de vida sendo deterioradas, reduzida a capacidade de compra de seus salários, perante a escalada dos preços dos produtos de primeira necessidade de consumo.

Mas, o que acontece do outro lado? Li um estudo do Deutscher Bank, a respeito do impacto que tiveram os acontecimentos geopolíticos de diferente envergadura, em diferentes momentos da história, sobre o comportamento das Bolsas de Valores. Foi interessante achar neste estudo que um dos momentos mais dramáticos da queda das Bolsas foi, precisamente, a invasão da Alemanha à França, em 1940, e a recuperação das Bolsas levou quase mil dias. Ou seja, foi uma recuperação muito lenta. No caso das Torres Gêmeas [se referindo ao ataque terrorista de 11 de setembro de 2001], a derrocada das Bolsas foi de aproximadamente 11%, mas a sua recuperação precisou de cerca de 15 dias. Agora, se está falando que a derrubada das Bolsas não ultrapassa 5% ou 7%. E esse estudo de Deutscher Bank, precisamente, encarregado em função do que está acontecendo, aponta a ressaltar que não se acredita que não levará muito tempo a se dar uma recuperação, de aproximadamente 15 dias. O que efetivamente é certo. As Bolsas começam a se recuperar. E por quê? Porque o que acontece – sendo inerente à dinâmica da economia capitalista, ainda que seja certo que alguns setores da economia possam se encontrar circunstancialmente freados, quanto a seus níveis de exportação – é que, enquanto alguns setores caem, outros se potenciam. A indústria de armamentos cresceu, e aumentaram os negócios, de forma que as Bolsas de Valores começam a encontrar um novo equilíbrio, e os lucros começam, mais uma vez, a aumentar.

É interessante observar que logo após o afundamento da economia após a Segunda Guerra Mundial, o crescimento dos investimentos foi gigantesco, de aproximadamente 16% a 20%. A que conclusão nos leva? O grande capital está fazendo negócios com a guerra. O grande capital não será afetado com a guerra. Os grandes capitalistas e investidores irão garantir seus lucros nas Bolsas, irão garantir seus negócios, investindo naqueles setores de seu interesse, no caso a indústria bélica, e outros que são parte dessa dinâmica.

Aí nós temos um contraste muito importante a destacar. As multinacionais, o grande capital financeiro, circunstancialmente, podem perder alguma margem de lucro, porém, isso recupera-se muito rapidamente e, mais uma vez, o capital procura tirar vantagem e lucros da situação política apresentada.

O que ocorre do outro lado? As massas suportam sobre seus ombros as consequências da pressão inflacionária, derivada da guerra. Os preços sobem, os capitalistas ganham, as massas pagam pelas desgraças. Acredito que seja este um fato que atravessa todos os países do mundo, com maior ou menor intensidade. A pressão inflacionária acabará sendo descarregada sobre os trabalhadores e suas famílias.

É importante observar qual o impacto real que tiveram, sobre a economia, russa as medidas de sanção econômica. E é interessante ver, por exemplo, que os EUA decidiram não mais comprar petróleo russo. Mas, acontece que o que representa o petróleo russo no mercado norte-americano é apenas 8% de seu consumo. Quer dizer, para os russos, tampouco é um grande problema. Os Estados Unidos estão procurando suprir essas compras que faz da Rússia com outros países. Mas,

mais que uma importância econômica, tem uma significação simbólica. A aproximação dos EUA com Venezuela, objetivado ter uma alternativa para comprar petróleo, é apresentado pelos venezuelanos como sendo um arrependimento. Porém, para os norte-americanos, a questão é bem mais pragmática. Dizem que, com a invasão da Rússia à Ucrânia, se possibilita que a Venezuela volte à democracia, à esfera de influência norte-americana. Ou seja, para eles é muito claro o problema. Que o impacto real desta medida é muito limitado, na Rússia.

(...) está correta a apreciação de que as sanções econômicas não apenas se limitam a afetar a Rússia. São sanções que vão impactar e estão impactando o conjunto da economia mundial, devido ao entrelaçamento existente entre todas as economias. Entretanto, o mais importante, ressalto mais uma vez, é que, em última instância, todas estas sanções vão acabar por recair sobre as massas. Acredito que esse seja o elemento essencial, de maior importância, para avaliarmos o que se passará mais à frente.

Outro problema que apontam os dados, e que me parece muito interessante assinalar, comparado aos dados fornecidos por um banqueiro espanhol, sobre os impactos das medidas nos bancos russos e nos bancos espanhóis e europeus, é que, assim afirmaram, o maior impacto recai sobre eles. O fato de se reduzir o comércio com Rússia, seja pelo que compra a Rússia ou pelo que vende a Europa, está tendo consequências negativas na Espanha e nos EUA. No entanto, é possível que se produza uma contração econômica no volume do comércio entre Rússia e Europa. Mas, esse volume tem aumentado entre a Rússia e a China, bem como com outros países, dispostos a tirar vantagem das sanções econômicas.

Então, como vemos, está correta a apreciação de que as sanções econômicas não apenas se limitam a afetar a Rússia. São sanções que vão impactar e estão impactando o conjunto da economia mundial, devido ao entrelaçamento existente entre todas as economias. Entretanto, o mais importante, ressalto mais uma vez, é que, em última instância, todas estas sanções vão acabar por recair sobre as massas. Acredito que esse seja o elemento essencial, de maior importância, para avaliarmos o que se passará mais à frente. Talvez tenhamos de concluir que exista a possibilidade de que a luta de classes vá se agudizar, em decorrência da destruição das condições de vida das massas, por conta de todas essas circunstâncias. A capacidade aquisitiva dos salários se reduzirá, as condições de vida se precarizarão, a pressão inflacionária acabará atingindo a economia dos diferentes setores das massas trabalhadoras, com maior ou menor intensidade, a depender da região e local. Mas, acontecerá. E isto poderá levar a uma agudização da luta de classes.

Entretanto, o dilema, como ressaltaram os camaradas, é: onde estão essas massas que sofrem os impactos da situação desta escalada inflacionária, a qual mais à frente se fará sentir em sua intensificação? Evidentemente, se se observar atenta-

mente, ocorrem manifestações pacifistas em todo o mundo, mesmo na Rússia, em todas as partes aparecem movimentos – embora essencialmente pequeno-burgueses – exigindo a Paz. Um posicionamento conjuntural pode chocar-se com os planos belicistas do imperialismo e as potências econômicas, mas que, concretamente, está sendo dirigido pelo imperialismo. Os EUA querem se apresentar como o “campeão mundial da Paz”, e é evidente que têm interesse em potenciar estes movimentos pacifistas de características pequeno burguesas, que não apontarão o que a política revolucionária assinala com clareza: o fato de que esta ameaça crônica, cíclica, periódica, de transformar os conflitos econômicos em conflitos armados, é uma ameaça inerente à etapa de decomposição do capitalismo, e, particularmente, nesta fase de esgotamento da partilha do mundo.

A resposta do proletariado é, portanto, a de expulsar do poder a sua própria burguesia. Eis por que tem muita importância o debate que pretendemos impulsionar. Como em nossos países, que não estamos diretamente ligados ao problema da guerra, mas sofremos suas consequências, se pode avançar no caminho da solução do problema da direção revolucionária. Os sindicatos estão submetidos pelas correntes reformistas, nacionalistas e direitistas, todas elas fazendo coro com suas burguesias, seguindo tal o qual corrente imperialista, no cenário desta disputa, europeus ou não. Outros se alinham com a Rússia, acreditando que Putin é revolucionário, ou que sua ação é mais progressiva em relação à OTAN. Quer dizer, há uma desorientação importante.

Então, como é que vamos agir? Certamente, esta situação de mal-estar social adquire uma relevância muito importante. Para assim podermos contribuir, para que as massas retomem, redescubram, o caminho revolucionário, que permita acabar com o fator principal da guerra, que ameaça empurrar a humanidade à barbárie, que é o sistema capitalista em processo de esgotamento e decomposição. Acho que o problema da ausência da direção revolucionária é, inquestionavelmente, o problema mais crítico.

Quando Trotsky afirma que a humanidade enfrenta o dilema de “socialismo ou barbárie”, também assinala que o principal problema é o da crise de direção revolucionária. E isto se pode conferir a cada passo, e, neste cenário particular de agudização do conflito econômico em nível mundial, fica ainda mais em evidência. Portanto, a nossa tarefa consiste em avançar no sentido de resolver a crise de direção. Partindo dessa compressão é que nos interessa debater com diferentes agrupamentos e companheiros que, evidentemente, não pode-

rão ter um ponto de vista exatamente igual ao nosso, mas que, apesar disso, poderíamos responder: qual é a resposta operária e revolucionária perante a guerra, a crise econômica mundial e as sanções que começam a ser descarregadas sobre as massas oprimidas do mundo, em geral.

Bom, eu poderia contribuir com essas apreciações ao que já foi indicado e colocado até agora.

Obrigado.

Fala de encerramento

Se me permitem, gostaria de assinalar um aspecto. Diz o camarada Ramón que russos e ucranianos são irmãos. Não há discussão sobre isso. Os povos russo e ucraniano têm uma história comum. Mas, é importante diferenciá-los de seus governos.

Seus governos expressam a política da oligarquia e da burocracia de cada lugar, que, por sua vez são instrumentos de interesses imperialistas, ou de potentados, etc. E resulta que estes oligarcas colocam em confronto os dois povos.

De forma que, quando defendemos a independência de Ucrânia, apoiando seu direito à autodeterminação, queremos também afirmar que é o povo ucraniano e o russo que têm de expulsar do poder a burocracia e a oligarquia burguesa, que, nesses países, estão expressando interesses alheios aos da classe operária e das massas oprimidas.

É inquestionável que ação russa de defesa perante a ação da OTAN se realiza utilizando métodos burgueses, métodos reacionários, métodos que implicam a opressão nacional da Ucrânia. Está claro que não poderíamos estar de acordo com esses métodos. Trata-se de uma aberração. São contrários ao programa do proletariado. São contrários à tradição e à lógica do marxismo e dos revolucionários. Então, nossa posição é muito clara. Quando falamos de defesa do direito à autodeterminação, estamos nos referindo a uma Ucrânia que deve ser estabelecida sobre as bases soviéticas, sobre a base da expropriação dos capitalistas, para assim restabelecer a perspectiva de independência. É somente por essa via que a Ucrânia irá exercer seu direito à autodeterminação.

Isto somente aconteceu durante um breve período de sua história, precisamente quando se fundou a URSS, dentro dos marcos de sua primeira Constituição, redigida por Lênin, cujo preceito fundamental consistia no reconhecimento desse direito, que incluía o direito à separação.

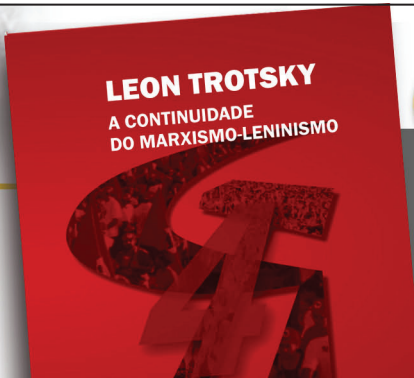
Acho que isto ficou bem claro. Ramón e Atílio explicaram-no. E só queria complementar.

Obrigado.

Publicado o livro:

LEON TROTSKY **A CONTINUIDADE DO MARXISMO-LENINISMO**

“ Este livro objetiva expor essa dialética do combate de Trotsky ao estalinismo. Não há como continuar o marxismo-leninismo sem assimilar esse processo, que se desencadeou já em 1923, quando Lênin ainda vivia e sentia o peso da enfermidade, que o levaria à morte em 1924, e concluiu com o assassinato de Trotsky em 20 de agosto de 1940. Este livro, portanto, é uma homenagem militante, prática, proletária e marxista aos 80 anos de seu assassinato.”



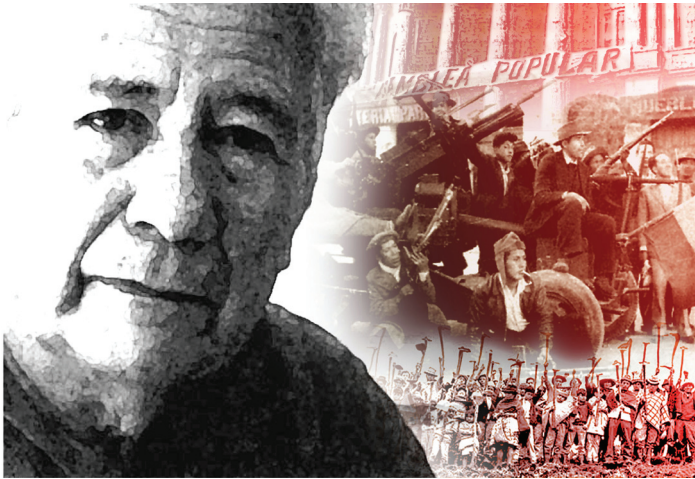
R\$ 35

**ADQUIRA
COM NOSSO
DISTRIBUIDOR**

70 anos da Revolução de 1952, na Bolívia

Publicamos abaixo um breve texto de Guillermo Lora, que, por sua síntese e clareza de exposição, permite à vanguarda revolucionária compreender a importância da Revolução de 1952, para temperar o POR como partido marxista-leninista-trotskista.

A Revolução de 9 de abril de 1952, a COB e a Guerra Camponesa



Em 1952, o Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) e uma parte do exército planejaram um golpe de Estado, que, graças à participação de vastos setores operários (fabris e mineiros), se transformou em uma revolução social, que concluiu frustrando-se, em grande medida, porque o POR não esteve à altura necessária.

O POR deu uma severíssima lição, ao realizar uma profunda autocrítica dos erros que cometeu, o que, em última instância, o permitiu dar um salto adiante, programática e politicamente.

As massas destroçaram o Estado feudal-burguês, as Forças Armadas, etc., mas não tomaram o poder em suas mãos, mas o entregaram ao inimigo de classe, ao MNR.

O que até agora tem sido apresentado como a máxima expressão da luta revolucionária (a nacionalização das minas com indenização, a reforma agrária que afetou somente uma parte da oligarquia, e o voto universal, que impôs a semi-cidadania à maior parte do campesinato) não foi outra coisa, como tem

demonstrado o desenvolvimento dos acontecimentos, senão a expressão da política burguesa conservadora.

Esse foi o fundamento da política revolucionária do trotskismo, a partir de 1952. Não apoiou a política movimentista, mas a combateu como contrária aos objetivos estratégicos do proletariado. Distintamente e por motivo explicável, o estalinismo (PCB) se submeteu ao governo movimentista de V. Paz Estenssoro, que foi utilizado pelo oficialismo para combater e neutralizar os elementos marxistas. O POR foi acusado pelo estalinismo como pró-imperialista, por combater (assim disseram os pecebistas) o governo revolucionário e anti-imperialista de Paz Estenssoro.

Viveu-se uma etapa de extrema confusão, acerca de qual era o partido que encarnava a revolução, e se o MNR, no poder, era ou não o governo do proletariado e dos camponeses.

Foi admirável a luta sistemática e incansável do POR, por alcançar a liderança das massas, por educar e politizá-las.

Durante os últimos seis anos, o POR (seguindo as linhas mestras das “Teses de Pulacayo”) pôs em pé a Central Operária Nacional em torno à política e dos princípios organizativos do proletariado. O esforço permitiu dar passos, mas que não se consolidou. Em abril de 1952 nasceu, seguindo os passos desejados pela CON, a poderosa Central Operária Boliviana, que, tendo no seu seio o trotskismo (contando com o apoio e o voto dos operários movimentistas, que ainda não estavam corrompidos), pôde dar respostas revolucionárias aos diferentes problemas colocados.

A COB da primeira época foi um germe do governo operário, que colocou a dualidade de poderes diante do governo central, situação instável que se resolveu em favor do movimentismo. O que ocorreu com a grande influência trotskista no organismo sindical?

Antes da decretação da conservadora reforma agrária movi-

LANÇAMENTO ▶

R\$ **35**



ADQUIRA COM NOSSO DISTRIBUIDOR:

100 anos da Revolução Russa

RECONSTRUIR O PARTIDO DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA MUNDIAL, A IV INTERNACIONAL

mentista (agora comprovamos que não resolveu o problema da terra, nem tocou na opressão nacional dos aymaras, quéchuas, etc.), os camponeses de grande parte dos departamentos de La Paz, Chuquisaca, Cochabamba, Oruro, Potosí e os poristas empunharam os fuzis, para ocupar os latifúndios e expulsar os latifundiários. Tratou-se de uma verdadeira guerra camponesa, não assimilada até agora, ainda que em seu momento se transformou em um escândalo jornalístico desmesurado.

(...) o trotskismo boliviano se temperou, ao lutar de frente e abertamente contra o revisionismo pablista do Secretariado Internacional, o que acabou levando a outra cisão. Novamente, se comprovou a justeza da apreciação de Trotsky, no sentido de que também se organiza pelo caminho das cisões, quando estas giram ao redor de divergências programáticas, isto é, estratégicas.

A direção política porista planejou culminar essas ações com uma arremetida de dimensão geral. O governo pôde derrotar tal iniciativa com suas benesses alimentares e prebendas, aos camponeses e comunitários. Contudo, não foi mais que a expressão de um fenômeno determinado pelo relaxamento operário diante dos atos governamentais, como consequência do impacto que teve a nacionalização das minas.

O ocorrido fortaleceu as posições do MNR no poder, que passou a dividir e debilitar seu pior inimigo, o POR. Pressionou, poderosamente, os militantes intelectualizados (e também alguns dirigentes sindicais), que não conseguiram romper os vínculos com a classe média de onde vinham. Aqueles que estavam sedentos de projetar-se, de protagonizar um rápido

carreirismo social, econômico e político, encontraram, as portas abertas, de par em par, do partido do governo. A nascente sociedade burguesa dobrou pelo estômago aqueles que compariavam publicamente como porta-vozes poristas. A este cínico entreguismo, se colocou o rótulo de “entrismo”. Os desertores e renegados foram, pública e ignominiosamente, expulsos.

O partido se viu obrigado a desfazer-se de elementos que careciam da fortaleza necessária para transformar-se em revolucionários profissionais. Novamente, o POR teve de defender a pureza programática. Isso que parecia, para alguns, como a maior das tragédias, concluiu fortalecendo o Partido Operário Revolucionário.

Na mesma época, o trotskismo boliviano se temperou, ao lutar de frente e abertamente contra o revisionismo pablista do Secretariado Internacional, o que acabou levando a outra cisão. Novamente, se comprovou a justeza da apreciação de Trotsky, no sentido de que também se organiza pelo caminho das cisões, quando estas giram ao redor de divergências programáticas, isto é, estratégicas.

Mais tarde, o partido conhecerá sua terceira cisão e última, desta vez cuidadosamente preparada, com uma discussão que durou um par de anos, com aqueles que se desnudaram, mostrando suas posições nacional-foquistas.

O MNR utilizou os supostos “entristas” para construir o muro, para impedir o acesso dos poristas aos sindicatos. Assim foi preparando o terreno para burocratizar e controlar os organismos operários e populares. O primeiro Congresso da COB (1954) abandonou, como seu programa, as “Teses de Pulacayo”, e adotou outro programa, que expressava a política do MNR no poder. A COB, de órgão de poder, se tornou em um organismo estatizado.

(Extraído das Obras Completas, Guillermo Lora, Breve história do POR, agosto de 1994)

70 anos da Revolução Boliviana de 1952

Os 70 anos da Revolução Boliviana de 1952 mereceu da parte da seção Argentina do CERQUI uma discussão que se realizou na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. O Jornal Massas, nº 413, traz dois artigos, um de exposição do conteúdo da atividade, e outro de crítica aos detratores do POR boliviano.

Extraídos alguns aspectos da discussão.

“A atividade teve o objetivo de discutir as lições que podem ser extraídas da revolução boliviana e a sua importância para a história do movimento operário internacional. Partimos da reivindicação da intervenção do Partido Operário Revolucionário boliviano, como a expressão política da independência de classe do proletariado. A principal lição extraída é a importância da construção do partido internacional da classe operária e suas seções nacionais. Neste sentido, a experiência boliviana, seu balanço, seus acertos e seus erros são parte fundamental do arsenal programático do Cerqui, que deve ser assimilado criticamente pelo conjunto da militância.

(...)

O Partido Operário Revolucionário entrou na revolução de

1952 no marco de um processo de ruptura em nível internacional. A direção da Quarta Internacional, com Michel Pablo à frente, havia tomado um rumo revisionista. Em 1951, se havia definido como política internacional o entrismo nas organizações estalinistas, nos países desenvolvidos, e no nacionalismo, nos países atrasados. Diante da revolução Boliviana, a orientação da Internacional foi que o POR ingressasse no MNR, o que provocou uma ruptura do partido. A fração pablista ingressou no MNR, e a fração encabeçada por Guillermo Lora manteve a sua independência de classe, denunciando, desde o primeiro momento, as limitações do governo nacionalista, e buscando acompanhar as massas no processo de ruptura com o nacionalismo burguês, cuja máxima expressão foi a Assembleia Popular, de 1971.

Debateram-se as principais críticas do centrismo à atuação do POR, entre as quais se destaca a de não haver levantado a consigna de “todo poder à COB”. Em primeiro lugar, destacamos que esta autocrítica foi realizada por Lora, em “A Revolução Boliviana”, poucos anos após a revolução, onde destaca que esta consigna poderia ter contribuído para desmascarar o governo nacionalista diante das massas, no entanto, não subs-

titui a necessária experiência que os oprimidos têm de passar com o nacionalismo. Muitos dos críticos do POR defendem que o uso desta consigna de maneira mecânica teria resolvido a questão do poder, e até propõe aplicá-la em qualquer situação. As consignas devem se subordinar ao objetivo estratégico, têm sentido na medida em que permitam às massas superarem os obstáculos políticos que encontram pela frente (nacionalismo, estalinismo, etc.), para conquistar a sua independência.

Com esses debates, rendemos homenagem à luta que as massas bolivianas realizaram. A Revolução Boliviana apresenta traços fundamentais da revolução nos países atrasados. Assim como o POR boliviano travou a batalha ideológica para desmascarar o MNR diante das massas, a tarefa na Argentina é conseguir que as massas superem o peronismo e conquistem a sua independência política. A 70 anos da revolução, reivindicamos plenamente a atuação do POR, como expressão do marxismo-leninismo-trotskismo.

Os absurdos de Nahuel Moreno

O grande mérito do revisionista Nahuel Moreno é que deixou registros de cada um dos absurdos que escreveu, ainda que nestes escritos não haja um único fio de coerência (muito menos de marxismo). Isto nos facilita enormemente a tarefa. Provavelmente, seja em seu livro mais famoso, onde está condensada esta sua posição sobre a Bolívia, nos referimos a “Um Documento Escandaloso”, também publicado como “O Partido e a Revolução”, conhecido popularmente como “O Morenaço”.

(...)

Os absurdos de seus continuadores

Se Nahuel Moreno não pôde compreender em absoluto a Revolução Boliviana de 1952, os seus continuadores não tiveram melhor sorte. Ainda pior, como ocorre frequentemente com os pratos requentados, não conservam nenhum dos seus méritos, mas ampliam todos os defeitos. Os herdeiros do morenismo não puderam avançar um só milímetro em relação ao seu “mestre”, questão que se reproduz independentemente do grupo político em que estejam, chame-se PTS, Esquerda Socialista, Novo MAS, MST, etc.

(...)

Assimilar criticamente a Revolução Boliviana

Não há dúvida de que o próprio POR foi o primeiro (e o único) a elaborar uma crítica ao processo de abril de 1952 e, mais precisamente, à sua própria atuação. Guillermo Lora pôde realizar um balanço autocrítico, mostrando as limitações organizativas, os obstáculos internacionais e cada um dos elementos que impossibilitaram uma revolução socialista triunfante na Bolívia. Tarefa titânica e alheia ao exitismo, que constitui a única ferramenta possível no caminho do fortalecimento organizativo.

É imprescindível estudar o processo para temperar a militância e preveni-la de futuros erros (inevitáveis em toda atividade política). O POR tem insistido que o processo seja estudado com obstinação e perseverança, que se conheça, que se analisem as suas falhas, e que seja assimilado o seu método de intervenção, uma vez que constitui uma das experiências mais ricas da história boliviana.

Ali se viu com toda clareza a dificuldade de atuação política, quando os oprimidos são atraídos ao nacionalismo burguês, e o árduo caminho que é preciso percorrer para acompanhar as massas nesta experiência, para poder conquistá-las para a política revolucionária. O POR ensinou que não há atalhos nesta questão,

que não há forma de resolver magicamente o problema com consignas caídas do céu. Que é necessário trabalhar junto às massas, explicando pacientemente. Não é possível esconder a realidade com um conjunto de calúnias e difamações, das quais o morenismo fez uma escola internacional.

Finalizamos com a precisão cirúrgica da crítica demolidora do camarada Guillermo Lora: “Moreno e outros supostos trotskistas se caracterizaram e se caracterizam por aparecerem a cada vinte e quatro horas com diferentes camisetas e adotando posturas sempre novas e contrapostas às da véspera. Assustam-se com a sua própria história, a negam sem se ruborizar-se, porque constitui reprovação e acusação contra tudo o que fazem hoje em dia. Renegam o seu passado e se esforçam por não ser tradição, cujo fundamento é a continuidade das ideias”. O POR reivindica completamente a sua atuação e sua tradição partidária.

(Extraído do Jornal Massas, nº 413, órgão do Partido Operário Revolucionário da Argentina)

Assim como o POR boliviano travou a batalha ideológica para desmascarar o MNR diante das massas, a tarefa na Argentina é conseguir que as massas superem o peronismo e conquistem a sua independência política. A 70 anos da revolução, reivindicamos plenamente a atuação do POR, como expressão do marxismo-leninismo-trotskismo.



R\$ 30

ADQUIRA COM NOSSO DISTRIBUIDOR DO MASSAS

Lênin estrategista da revolução proletária
Apontamentos sobre a história do Partido Bolchevique

LANÇAMENTO LIVRO

Lênin estrategista da revolução proletária

Este livro faz parte da luta da vanguarda consciente em superar a crise mundial de direção, construindo o Partido Operário Revolucionário, como seção brasileira do Comitê de Enlace pela Reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.



Nova Coleção Editorial

Agrava-se a crise política

A classe operária deve intervir com sua própria política, independente do governo, dos burocratas e dos patrões

A maior preocupação das massas é o aumento constante, sem parar, dos preços, reduzindo o valor dos salários, e tirando o pão da mesa dos trabalhadores.

A propaganda do governo e seus cúmplices, desde o princípio, é de que sua política consiste em “ganhar da inflação”, nem que seja por pouco, mas ganhar da inflação, para evitar ter de se referir à recuperação de tudo o que se perdeu nos anos anteriores. Esta propaganda está sendo vista como falsa. A realidade é que a inflação está ganhando de goleada. São poucos os sindicatos que conseguem manter o poder aquisitivo dos salários. A grande maioria assiste à redução de seus salários e aposentadorias, sem falar dos trabalhadores informais, daqueles que não têm emprego regular.

Os índices de inflação, os mais altos em décadas, são piores, quando se observa os preços dos alimentos, os que mais afetam o bolso popular. É um fenômeno tão brutal, que não se pode esconder. O governo não tem como reconhecer que o fato de ter trabalho estável e com registro não tira o trabalhador da pobreza, pois, a grande maioria está longe de custear a cesta-básica.

Ao mesmo tempo em que se percebe o aumento da pobreza, miséria, a precarização trabalhista e desemprego de milhões, demonstra-se que umas poucas empresas, que os donos das fazendas, têm ganhos extraordinários, que se aproveitam dos elevados preços internacionais das matérias-primas. Demonstra-se que a produção de alimentos e outras mercadorias indispensáveis estão nas mãos de uns poucos monopólios, muitos deles multinacionais. Que o dólar continua se ajustando, para acompanhar a inflação (na verdade para puxá-la), que as taxas de juros sobem também para acompanhar a inflação, ou que as tarifas devem ser ajustadas, para que os bancos e as empresas de serviços mantenham seus enormes ganhos. E, para arrematar, sequer querem pagar novos impostos, nem os que já existem.

É sabido que, se o dólar se ajusta, se as taxas de juros se ajustam, se as tarifas se ajustam, se uns poucos monopólios controlam a produção e distribuição, a inflação não se detém, e continuará destroçando as condições de vida dos trabalhadores.

Esta é a consequência de uma política de respeito à grande propriedade privada, superconcentrada. É o que explica que tenham superlucros, enquanto crescem as penúrias da maioria. Esta é a política do Fundo Monetário, que se aplica há vários anos, e que se agrava, pela imposição de redução do déficit orçamentário, e que não haja emissão monetária. Ajuste sobre ajuste. E pior, reclamam que as aposentadorias são elevadas, comparadas aos salários

O mais grave é a impotência que provoca a paralisia da CGT/CTA e a grande maioria dos sindicatos, que deveriam organizar a luta do conjunto, para acabar com essa situação dramática. Antes, o pretexto era a Pandemia e que não se podia mobilizar ou sair à luta. Passou a Pandemia, e continuam paralisados, porque, acima de tudo, defendem o governo e suas políticas, defendem os grandes patrões, defendem seus próprios interesses, dando as costas aos interesses dos trabalhadores.

Esta situação insuportável é o motor das constantes mobilizações, multitudinárias, desde os bairros em todo o país, reivindicando empregos, melhora dos auxílios, que cheguem alimentos aos refeitórios, em quantidade e qualidade, que entreguem as ferramentas que prometeram, que se inicie o plano IFE (Ingresso

Familiar de Emergência), para sustentar aqueles que não têm nenhum salário, etc. É o motor que impulsiona as reivindicações dos trabalhadores, para que se reajustem com urgência os salários, que se antecipem os percentuais já acordados nas negociações coletivas, que se concedam auxílios urgentemente, para atenuar o impacto dos preços. Essas mobilizações, bloqueios, ocupações e assembleias vão na contramão do governo e de toda a burocracia que o sustenta.

A resposta miserável do governo, com todos seus jornalistas e economistas, foi tentar mostrar que os indicadores econômicos estão bem, que a situação está melhorando, que se ampliaram os orçamentos, que estão fazendo mesas de diálogos com empresários e sindicalistas, que a culpa é de Macri e da Pandemia, que é preciso ter paciência ... E, nesse mesmo tempo, o governo fez uma campanha de acusações contra as organizações que participam das lutas, acusando-as de que estavam fazendo política, que estavam fazendo o jogo da direita, que estavam tentando dividir a Frente que governa, e ameaçando-as com medidas repressivas.

A crise do governo, da “Frente de Todos” e do peronismo, se manifesta em numerosos debates e críticas, que expressam a frustração e ruptura de uma maioria que se iludiu com as promessas do novo governo, ao qual veem como covarde e incapaz, que ficou de joelhos diante do imperialismo, e que tem medo de mexer com os pilares neoliberais. Muitos se perguntam para que serve manter a unidade com um governo que preserva os interesses dos mais poderosos, no momento mais dramático que vive a população. E pedem uma mudança de rumo, para não romper a Frente, e, assim, poder ganhar as eleições do próximo ano.

Neste sentido, as leis que aprovaram – “para que a dívida seja paga por aqueles que a evadiram” e “aqueles que têm seu dinheiro no exterior sem declarar”, o levantamento do segredo bancário e fiscal, ou o projeto de impostos sobre os lucros “inesperados” – procuram conter as críticas ao governo, e mostrar que estão dispostos a afetar os interesses dos setores mais poderosos. São leis demagógicas, que não alteram o essencial de sua política pró-imperialista.

Precisamos de outra unidade, a unidade dos lutadores, dos que querem lutar com nossos próprios métodos, para preparar a greve geral, como parte de um plano de lutas que deve ser imposto desde as bases, desde as fábricas, transporte, comércio, escolas, desde os bairros, por uma carta de reivindicações, que concentre os principais problemas da maioria, começando por um salário e aposentadoria que seja no mínimo igual ao custo de vida; pelo pleno emprego, e fim de toda forma de precarização trabalhista.

É por este caminho que poderemos enfrentar as políticas do FMI, suas políticas de ajuste, impedir o saque do país, desconhecer a dívida externa, recuperar os rios, o mar, lagos, portos, minas, terras e jazidas, lutar pelo orçamento necessário para Educação e Saúde estatais.

A vanguarda que luta deve ser consciente da necessidade de combater pelo nosso próprio poder, por um governo operário-camponês, da maioria oprimida da cidade e do campo, por meio da revolução social, e da urgência em resolver a crise de direção revolucionária, construindo seu partido.

(Extraído do Jornal Massas, nº 413, órgão do Partido Operário da Argentina)

Macron reeleito, mas a direita se fortalece

Macron foi reeleito presidente no segundo turno (24 de abril). Obteve 58,54% dos votos válidos, derrotando à candidata ultradireitista, Marine Le Pen, que conquistou 41,46%: uma diferença de 17%. Há cinco anos, a diferença foi de 34%: 68% em favor de Macron e 34% de Le Pen. Como se vê, a vitória de Macron não obscurece que a direita liberal vem retrocedendo, enquanto a direita fascizante avança.

O capital financeiro e monopolista trabalhou pela vitória de Macron. Avaliam que ainda não chegou o momento de recorrer a um governo ditatorial de feições fascizantes, ou seja, de ataque às organizações e as massas operárias. O fato de a burocracia sindical manter seu controle sobre ao proletariado reforça essa avaliação tática. Mas, uma mudança brusca da situação poderá impulsionar a ultradireita ao poder.

Macron, no seu primeiro governo, impôs profundas reformas no Estado e nas leis trabalhistas. Prorrogou, por diversas vezes, o “Estado de emergência” e militarizou o país, sob a justificativa de defender o isolamento social durante a pandemia. Reforçou a repressão jurídica e policial sobre os protestos, greves e imigrantes, que enfrentaram a expulsão e despejos. Ampliou, também, as operações de “segurança interior” e inteligência (espionagem) sobre as massas.

Quanto à política econômica, se orientou a impor uma violenta redução dos custos trabalhistas e a favorecer as demissões, ampliou as medidas de precarização trabalhista e estendeu a jornada semanal de trabalho, impôs a “reforma administrativa” e amputou direitos históricos do funcionalismo público. Isto enquanto reduzia a taxação sobre grandes empresas. O agravamento da crise e, em especial, da inflacionária, por sua vez, atingiu a pequena burguesia dependente do consumo do mercado interno, local e regional, que viram reduzidas suas vendas.

Foram esses profundos ataques aos oprimidos e o aberto favorecimento dos negócios dos capitalistas que derriam as bases eleitorais que a Macron uma contundente vitória em 2017. E que arrastou grande parte da pequena burguesia e setores do operariado a apoiar mais firmemente a retórica e candidata

ultradireitista, que lhes prometia “recuperar” tudo o que foi perdido.

Está aí por que a vitória não garante ao presidente reeleito manter equacionada a crise social, que afeta à governabilidade burguesa. A isto se soma a falta de unidade política da frente eleitoral conjuntural, que lhe permitiu ser reconduzido à presidência. No Parlamento, as forças da situação comparecem fragmentadas e em permanente conflito com o Executivo. O que impediu-lhe consolidar uma base parlamentar firme para aprovar seus projetos e planos de governo. Isso explica por que nos últimos anos governou pela via dos decretos, centralizando as decisões de governo.

(...) os maiores obstáculos à governabilidade burguesa foram as revoltas operárias e populares, a exemplo dos “Coletes Amarelos”, e das greves do funcionalismo e o operariado contra as contrarreformas trabalhista, previdenciária e administrativa.

No entanto, os maiores obstáculos à governabilidade burguesa foram as revoltas operárias e populares, a exemplo dos “Coletes Amarelos”, e das greves do funcionalismo e o operariado contra as contrarreformas trabalhista, previdenciária e administrativa. A pequena burguesia também recorreu às manifestações, a exemplo dos produtores de leite, pescadores e alimentos, que, por diversas vezes, destruíram seus stocks, paralisaram suas atividades ou fecharam rodovias, exigindo o governo garantir seu acesso aos mercados e fixar preços de venda que garantissem seus ganhos.

A desagregação econômica dos últimos anos não tem feito mais que agravar o desespero dessas amplas camadas pequeno-burguesas. Comprimida entre a grande burguesia, que a afunda economicamente, e o proletariado e demais oprimidos, que ameaçam, com sua radicalização, entrar os negócios, vai perdendo a confiança nas instituições e nos governos de plantão, orientando-se à direita e procurando uma saída à sua grave situação.

A pequena burguesia, numericamente forte na França, é uma classe instável politicamente e tendente a assumir posições extremas, quando ameaçadas suas condições de existência social. O agravamento da crise, as tendências recessivas

e a redução dos ganhos salariais ameaçam-na com sua derrocada econômica. O que se já se refletiu ao interior das organizações partidárias tradicionais da burguesia (socialistas e republicanos), que obtiveram apenas 7% no primeiro turno. Racharam-se assim os diques democratizantes em que se apoiou historicamente a pequena burguesia, quando a situação econômica era favorável. Quando a situação econômica e social é cada vez mais grave e ameaça abrir caminho à luta de classes, inclina-se à direita para se preservar das convulsões sociais e políticas. Eis por que a ultradireita vem se firmando a cada eleição. Mas, também está se firmando cada vez mais entre as

camadas aristocráticas e mais atrasadas da classe operária. Ou seja, entre aquelas que vêm com receio as medidas do governo, que reduzem sua capacidade de negociar as reformas e conter a revolta das bases, ou bem estão apreensivos com o crescente fluxo de imigrantes que concorrem no mercado de trabalho pelos empregos e pressionam à baixa salarial.

Está claro que, pelo seu programa, Macron não se diferencia, na essência, do conteúdo burguês da ultradireita. As divergências entre “protecionismo e liberalismo”, “nacionalismo e europeísmo”, dizem apenas respeito às diferenças táticas e de métodos que podem usar os monopólios para contornar ou abortar a luta de classes. Ainda vigoram as ilusões democráticas e o proletariado não avança na luta de classes. Eis por que a via democrático-burguesa continua servindo para afastar o perigo da luta de classes. Entretanto, o crescimento da base social da política ultradireitista cria as condições de uma virada dessa natureza, se as condições obrigarem.

A guerra na Ucrânia pareceu por um momento demonstrar que essa convergência seria impossível. Le Pen reconheceu o direito à anexação da Crimeia pela Rússia. Macron pronunciou-se contra e se dispôs a financiar e ajudar à resistência ucraniana. A retórica de Le Pen foi

fartamente aproveitada pela imprensa monopolista para atacá-la e opor à candidata os setores pequeno burgueses pacifistas e pró-imperialistas. Na verdade, Le Pen não fez outra coisa que expressar, sem filtros retóricos, o que as frações da burguesia francesa vêm avaliando como necessidade. Tanto Macron quanto Le Pen sabem que a burguesia imperialista francesa será obrigada a ampliar os métodos de opressão nacional e projetar o intervencionismo militar para garantir sua quota em uma nova repartição dos mercados e territórios, que surgem do esgotamento partilha do pós-Segunda Guerra Mundial. Certamente, ainda existe uma margem de manobra para as soluções diplomáticas e políticas. Eis por que Macron foi a opção mais adequada à burguesia na atual conjuntura.

No entanto, o fundamental para a política proletária está em avaliar corretamente o significado e conteúdo do

elevado abstencionismo, o mais alto desde 1969. Indica que é possível dar passos para conquistar a independência de classe do proletariado e demais oprimidos. Uma grande parcela da população explorada e oprimida começa a se distanciar da politicagem burguesa. Não acha nos programas e promessas a solução a seus mais urgentes problemas. O que exige apresentar as massas um programa comum de reivindicações e os métodos capazes de impô-las.

Após grandes convulsões, se manifesta um grande abstencionismo eleitoral. É o que se passou também nas eleições de 1969, após a crise pré-revolucionária de maio de 1968. À época, as massas operárias e estudantis abriram com sua luta uma crise no poder burguês. Mas, a ausência da direção revolucionária impediu que o proletariado lutasse pelo poder.

Essa avaliação é chave para entender

que a permanência da crise econômica e a rápida desagregação da democracia formal burguesa, não apenas reforçarão o desespero e as exigências para uma “solução de força” de frações da burguesia e da pequena burguesia, como fundamentalmente projetará o descontentamento das massas, abrindo passagem à luta de classes.

É da maior importância que a vanguarda com consciência de classe e o proletariado retome os métodos da ação direta e a organização independente. Nada se deve esperar das frações políticas que respondem ao mesmo amo burguês, e arrastam os explorados por trás das soluções e métodos de seus verdugos e algozes. É nessas condições favoráveis que a vanguarda proletária deve trabalhar pela superação da crise de direção revolucionária, erguendo o partido marxista-leninista-trotskista.

Impotência e subserviência da esquerda

A fragmentação e desagregação social dos partidos burgueses tradicionais é acompanhada, com ritmos e formas distintas, pelos partidos ditos de esquerda. A esquerda democratizante não cumpre nenhum papel relevante no jogo eleitoral, definido pelas grandes corporações e as campanhas milionárias da burguesia francesa. Ainda que a polarização das classes tenha dado um salto à frente nas últimas décadas, não se verifica a virada à esquerda das massas no terreno eleitoral, apesar de ter havido manifestações de rua pelo voto nulo ou abstenção no 2º turno, organizadas pelos coletes amarelos. O que obriga os reformistas e revisionistas a procurarem acordos eleitorais oportunistas, objetivando superar a marginalidade ou abocanhar um ou outro cargo político nas instituições. Há também os que assumem um programa pró-burguês, agindo como ala esquerda da burguesia imperialista.

Roussel, candidato do Partido Comunista Francês (PCF), não ultrapassou a baixa marca de 2% dos votos. Na campanha, defendeu um programa liberal, maquiado com a demagogia social, em defesa dos mais pobres e miseráveis. Disse que faria investimentos bilionários na agricultura francesa, principal reduto social das camadas mais atrasadas e conservadoras da pequena burguesia. Assinalou, ainda, ser contrário a ampliar os direitos das minorias religiosas, sob a defesa do “laicismo” do Estado e da “cultura” francesa. De posse desse programa, foi possível ao PCF, no segundo turno, chamar o voto em Macron.

Jean-Luc Mélenchon, o terceiro mais votado no primeiro turno, ex-socialista, e agora candidato da França Insubmissa, é a figura política mais destacada do “campo da esquerda”. Seu oportunismo eleitoral é revigorado com a explosão dos protestos e greves das massas, para depois voltar ao lei-

to da demagogia democrático-reformista, tolerável à ordem burguesa.

O Novo Partido Anticapitalista (NPA), formado há quase uma década, que reúne pretensos “trotskistas”, ecologistas, reformistas radicalizados, e até autonomistas, acabou apoiando a França Insubmissa, com o objetivo de, nas futuras eleições legislativas, convergir para uma “Frente de Esquerda”. Mas, tudo indica que essas ilusões não se concretizarão, impedindo a manobra do NPA, de se servir da ascendência de Mélenchon para obter cargos no Parlamento.

Ainda que o NPA se tenha submetido à “frente patriótica” da burguesia na “luta contra o fascismo”, sob a palavra de ordem oportunista de “nenhum voto a Le Pen”, é certo também que sua fração “esquerdista” rejeitou essa orientação da Diretoria, defendendo a bandeira de “Nem Macron, nem Le Pen”. Mas, não tinham como apresentar um programa de independência de classe, de mobilização dos explorados.

O essencial está em que a “frente popular”, ou seu remedo revisionista da “Frente de Esquerda”, se adapta ao marco da democracia burguesa, sem, contudo, ser capaz de fazer frente aos partidos burgueses. Sua função é a de atrair votos de uma pequena camada de descontentes da classe média mais radical.

A retórica esquerdizante serve apenas para criar obstáculo à tarefa de constituir a direção revolucionária do proletariado. Ou seja, dificultar a construção do partido leninista que aplique a tática que subordina a participação e o programa defendido à ação direta das massas exploradas. Está colocada a tarefa de forjar um verdadeiro partido revolucionário, marxista-leninista-trotskista, que rompa o círculo vicioso do democratismo e do oportunismo eleitoral, em que afunda grande parte da esquerda francesa.